

B-633

«VOTAR NOS PARTIDOS
MARXISTAS É TRABALHAR NA
PRÓPRIA DESTRUIÇÃO».

Bispo do Algarve

A Voz de

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

(Preço avulso: 5\$00) N.º 751
ANO XXVII 8/11/1979

Composição e Impressão
«GRÁFICA EDITORA»
Av. João Ferreira da Maia, 20
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO
José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRÁFICA LOULETANA
Telef. 6 25 36 LOULÉ



ENGANAM-SE OS QUE VATICINAM A DESAGREGAÇÃO TEMPORAL DA ALIANÇA DEMOCRÁTICA

Declarou, há pouco tempo, o P. R., General Eanes, que preconizava para a «Comunidade Portuguesa» um «Modelo de Sociedade», que surgisse duma aliança política entre o PS e o PSD, tendo até manifestado interesse pela sua concretização.

No entanto o líder do PSD, Dr. Sá Carneiro, não confirmou tal declaração do P.R., pelo contrário a contestou, por inaceitável porquanto o P. R. nunca demonstrou tal asserção nem o PS deu índices de o desejar, como testemunham as suas tácticas e estratégias políticas, identificadas como antagónicas às do PSD e se situarem no âmbito das concepções ideológicas marxistas.

Só depois da constituição e confirmação formal da AD, o PS acenou ao PSD numa perspectiva de aliança, naturalmente com o propósito de testar a consistência e unidade da AD, por erradamente menosprezar os fir-

mes e honestos conceitos, que lhes serviram de base, inspirados em fins essencialmente nacionalistas, patrióticos e democráticos, no ressurgimento do «Novo Portugal», que até à data o 25 de Abril ainda não operou, por adiado.

(Continua na pág. 2)

A HIPOCRISIA

Por
M. NOGUEIRA BORGES

Nada como eleições próximas para vermos até que ponto chega o despudor dos homens que fazem da política um modo de demagogia.

Até há pouco, Camões, era, para a clique do punho direito erguido, um fascista, um símbolo da burguesia decadente, um acabado exemplo de cultura alienante. Hoje, com eleições à vista, Camões, já é o intelectual

(Continua na pág. 9)

NÃO SE CANDIDATE, SR. PRESIDENTE!

A Bem do Concelho, não se candidate, oh sr. Presidente!... Sei que o senhor tem o pleno direito de se apresentar como bem entender nas próximas eleições para as autarquias locais. Não duvido da sua cidadania. Eu só quero dizer-lhe que o senhor não é o melhor Presidente para o Município de Loulé. Este artigo não pretende ser uma forma de protestar contra o seu direito

de se recandidatar pelo seu «ateísmo socialista»; é importante para o progresso do Concelho que a Câmara deixe de ser gestionada por si e pelos seus camaradas. É a minha opinião livremente expressa, é a opinião de muitos louletanos. O seu socialismo não é o caminho único... a Democracia exige competências para os cargos públicos e administrativos.

A sua Câmara tem tornado muitas posições políticas que não interessam à população. Só lhe serve para roer os miolos. Não queremos que as Câmaras funcionem com esse tumor de política cancerígena. Recentemente o senhor votou favoravelmente uma moção de repúdio pela actuação da GNR nos acontecimentos trágicos de Montemor. Creio que não teve a procuração da população para protestar contra as Forças da Ordem. O senhor agiu de alma e coração. Votou com a sua consciência. Mostrou o seu cariz ideológico. Não se candidate, sr. Presidente.

(Continua na pág. 2)

O Bispo do Algarve faz ouvir a sua voz

«O voto é a arma da paz
contra as armas
da violência»

(PÁGINA 4)

MENSAGEM do General Galvão de Melo às mulheres

«Ao pretender que a reconheçam igual ao homem, a mulher assume atitude de extrema humildade. Fonte de outras vidas que alimenta com o sangue das suas veias, dessas novas vidas se aparta com sofrimento. Sofrimento e dor que, logo depois, por milagre único e sempre renovado, se transforma em doce e tranquila alegria, ao con-

templar, com olhos de lágrimas e de risos, esse novo Ser, tão pequenino, tão frágil, que ainda durante dias e noites, meses e anos há-de continuar a viver do seu amor e dos seus cuidados.

Mãe, procura enaltecer o filho ensinando-lhe que ele é carne da sua carne.

Mãe, procura tornar-se igual

(Continua na pág. 2)

DINAMIZAÇÃO DAS CASAS DO POVO

(PÁGINA 10)

A ÁGUA PARA BOLIQUEIME LÁ FOI DESTA!

Repitam comigo: «Água mole em pedra dura tanto dá até que fura!»

Depois de longas polémicas com as entidades autárquicas, do assunto ser levado em mala de viagem até à Assembleia da República, da população escorrer lágrimas de desespero, Boliqueime vai finalmente ter água, com rede de esgotos e estação de tratamentos. Os trabalhos já estão iniciados, deixando transparecer um certo regozijo no seio das populações que há longos anos anseiam por melhorarem as suas condições de vida; a água é um elemento imprescindível, um sentido de vida na alma de uma terra, a raiz que fecunda o progresso e o bem-estar de uma região. Os boliqueimenses nunca foram exigentes, passando por todas as dificuldades sempre entenderam o coração da humildade, nunca vieram para as ruas manifestarem-se com os punhos cerrados, nunca engrossaram campa-

nhas difamatórias, nunca utilizaram a calúnia para pedirem o que necessitam.

A obra foi tomada pela Empre-

(Continua na pág. 2)

CDS concorre às eleições Municipais em Loulé

Como consequência da recusa incondicional do PSD em aceitar uma coligação, o CDS decidiu concorrer às eleições municipais de Loulé, tendo sido o primeiro partido a entregar ao Juiz do Tribunal de Loulé o processo para as eleições da Câmara Municipal.

A lista é encabeçada pelo Presidente da Comissão Distrital de Faro do CDS, sr. Dr. Baptista Coelho, administrador da Lusotur e seu qualificado gestor.

Merecida homenagem ao Professor Carlos Ramos



Dificilmente se apagará na memória de qualquer de nós o nome e a imagem do professor que nos ensinou as primeiras letras e nos abriu o cérebro ao conhecimento das coisas e dos factos.

É certo que alguns prefeririam esquecê-los, tantos foram os sabores encontrados ao longo da vida como consequência de uma instrução primária pessimamente dirigida e com a qual tantos jovens ficaram marcados e ignorantes para o resto da vida, pois há coisas essenciais que, ou se aprendem na instrução primária, ou nunca mais se aprendem. E isto, por muito mais longe que se vá nos estudos superiores.

Disto não podem queixar-se aqueles que tiveram a felicidade

(Continua na pág. 9)

LER NESTE NÚMERO:

■ PARA OS QUE TÊM
OUVIDOS
E NÃO OUVEM

PARA OS QUE TÊM
OLHOS E NÃO VÊEM

■ A ARTE NO JOVEM

■ OS RISCOS
DA CAÇA

Entre a liberdade e a tirania
A HORA É DECISIVA

A ABSTENÇÃO É UM CRIME.
NÃO DEIXE DE VOTAR!
MAS VOTE PELO RESSURGIMENTO
DE PORTUGAL, COMO PAÍS LIVRE.

Mensagem do General Galvão de Melo às Mulheres

(continuação da pág. 1)
ao filho num acto suave e de comovedora humildade. Criadora de vida logo quer identificar-se com essa vida que de si foi gerada, que por si foi alimentada, que pela sua mão firme ampara nos primeiros passos, incertos, percursores da longa caminhada pelo mundo. Depois, com o tempo, esquecendo a importância de si mesma, no que foi e sempre há-de ser, essa mulher, que é Mãe, aceita ficar sozinha, discreta, calada, apenas os olhos, agora de risos e lágrimas, seguindo esse filho que é homem e se afasta de cabeça levantada, fixando lá no alto a estrela da esperança. Com frequência, esse que foi menino e cresceu até se tornar o homem que é, caminha em frente, sempre e cada vez mais absorvido e comprometido nas lutas egoístas de um mundo egoísta. Entontecido pelo ruído do êxito nem se dá conta que aquela Mulher lá longe, calada e discreta, o foi seguindo com os seus olhos amorosos, seguindo sempre até o ver desaparecer no horizonte; nem se dá conta que essa Mulher, que é sua Mãe, sempre discreta mas atenta, continua junto dele pelo coração, pelo cuidado em saber de tudo o que de bom e de mau lhe vai acontecendo, pela oração que a sua alma constantemente murmura.

Porém de todo este drama silencioso não se dá conta o seu causador. De triunfo em triunfo todo se compraz na contemplação de si próprio; no prazer de sentir força e viver corajosamente; no orgulho da inteligência; na vaidade que todos os dias se alimenta dos louvores da multidão que o cerca.

De longe, alegrando-se com os triunfos do filho, vaidosa com as vaidades do filho, talvez até achando que os aplausos não são vibrantes como a sua imaginação que lhe diz que deviam ser, a mulher que ficou sozinha, a Mãe que viu o filho partir, continua preocupada. Ela sabe quanto diverso é o mesmo mundo; quanto incerto e fugaz o êxito com demasiado esforço alcançado; como são interesseiras e inconsistentes as falas dos homens.

A hora chegou. Desta vez o vencedor saiu vencido. As circunstâncias da luta voltaram-se contra si, a doença prostrou-o. Ainda há pouco a derrota aconteceu e já acontece que está sozinho aquele que se habituara a viver no meio da multidão!

Enganam-se os que vaticinam a desagregação temporal da A. D.

(continuação da pág. 1)
A Aliança Democrática conseguiu os seus propósitos, ultrapassando cada um dos três partidos políticos os seus ideais democráticos específicos e interesses, para se situarem num plano de maior dimensão, baseado fundamentalmente no interesse e na restauração da «Soberania Nacional», ofertando concomitantemente o «Modelo de Sociedade», que os verdadeiros cidadãos democratas aspiram na hora presente, que se aproxima da hora da verdade pela identificação nacional, a surgir pelo sufrágio universal no próximo dia 2 de Dezembro.

A manifestação-cumício no dia 27 passado, foi demonstrativa, pelo volume de pessoas que se integraram no grandioso cortejo, assim como pelos que aguardavam a sua chegada ao Rossio, em Lisboa, confirmando, apesar de o dia chuvoso, as esperanças dos portugueses na AD e seus

Passaram anos desde que havia partido? Muitos anos? Não importa, é como se tempo algum tivesse ocorrido, a Mãe, que parecia afastada, esquecida, já ali está junto do filho. Do mesmo modo discreta, do mesmo modo humilde, do mesmo modo firme para outra vez trazer à vida e encorajar os primeiros passos do filho convescente.

Eu pergunto, quem possui a verdadeira força, a verdadeira coragem, a inteligência lúcida? Aquele que estas virtudes exibiu e mal as usando todas perdeu? Ou aquela que, possuindo-as, as guardou no palpitante amoroso do seu coração para, no momento exacto, outra vez salvar para a vida o filho que havia criado?

Aqueles que se têm dado à curiosidade de conhecer as vidas dos «Grandes Homens» raro encontrarão algum cuja Mãe tenha sido mulher vulgar, particularmente no que respeita à inteligência e grandeza de alma. Discretas, humildes quase sempre, vulgares ou medíocres nunca. Podemos então concluir que os «Grandes Homens» foram por herança das suas mães. E talvez deveríamos acrescentar que aqueles homens que sempre foram notáveis, é que suas mães nunca os abandonaram: é que os filhos as tinham presentes nos momentos mais difíceis. A virtude no homem é emprestada e tende a consumir. A virtude na mulher é genuína e renova-se por si própria.

Que homem de excepção recusou partilhar as suas preocupações, buscando junto de uma companheira inteligente, amorosa, cheia de coragem e senso, o ânimo para começar e sustentar empreendimentos novos? Que homem notável não procurou junto da mulher amada a compreensão e o apoio que, em certo decisivo, os outros — todos os outros — lhe negavam?

Por tudo isto eu disse logo de início e agora repito, que ao pretender que a reconheçam igual ao homem a mulher dá prova de extrema e delicada humildade.

O modo como venho discorrendo acerca da Mulher há-de parecer a muitos, senão contraditório certamente parcial «porque não diz a verdade toda». Então e as más mulheres que todos vemos a um tempo dissimulando e exibindo-se a cada esquina ou portal de casas de má fama? E aquelas de cujo pas-

sar neste mundo não se pode dizer que o fizeram em «cneiro de santidade»?

Eu preferia calar, não dar aqui opinião sobre tais mulheres. E preferia, como se vai ver, para não diminuir o homem mais do que já fiz. Se a virtude do homem, como parece provado, é virtude herdada da mulher sua mãe e, com frequência, sustentada e renovada pela mulher sua companheira, temo que o pecado da mulher e a posição de inferioridade que vem suportando desde há milénios seja consequência de pecado e receio do mesmo homem.

Com efeito a espiritualidade intrínseca da mulher e a sua menos força física, levaram-na a colocar-se de certo modo à parte do mundo real que os homens foram, para si, construindo à sua feição e a seu proveito: mundo onde a «força» é dominante de todas as virtudes. Em nome desta «força» decretaram a sujeição dos factos e, dentre estes, a da mulher.

Desde o filósofo grego que pôs em dúvida a existência da alma no corpo da mulher, sempre ela tem sido considerada ser inferior que a «força» do homem utilizou por necessidade e prazer. Por necessidade na conservação da espécie e nos trabalhos que desonravam o guerreiro. Por prazer com a satisfação dos seus instintos. Durante milénios a mulher foi «utilidade» do homem que ele ostensivamente desprezava e, no íntimo, temia. Daqui afirmar que a sua natureza era semelhante à natureza do homem mas sem alma; que era de «testa curta e cabelos compridos»; que a mulher «era descanso e prazer do guerreiro»; que a mulher não possuía génio comparável ao do homem. Por todos os meios o homem manteve a mulher afastada do seu mundo.

Foi o Cristianismo, ao fazê-la Mãe do Homem — sem concurso do homem — que retornou a mulher à dignidade devida. A mulher dos nossos dias, a mulher finalmente saída da «prisão» onde a força e o egoísmo dos homens a havia encerrado, começou com a Mãe de Cristo. A mulher com alma, a mulher respeitada, a mulher companheira do homem começou há dois mil anos.

De então para cá, lentamente, muito lentamente, a mulher, com notável relevo nos últimos dois séculos, foi demonstrando que as suas capacidades, para além da que já referimos, também no campo das ciências, das artes, do desporto, da política não é inferior ao homem. Trabalhando no emprego e em casa, dizem as estatísticas, ela está, com frequência, a trabalhar o dobro dos homens.

No mundo dos homens, a mulher, desde que aí entrou, com facilidade o tem alcançado e, quantas vezes, suplantado. Outro tanto já não acontece com o homem, para o qual o mundo peculiar da mulher continua interdito: o amor dos filhos; o sacrifício discreto; a espiritualidade; a bondade e a beleza. A mulher é na sociedade o que a flor é nos campos: ela é a variedade, a beleza, a garridice, a alegria. Que monótono, que escuro e que triste seria a simples reunião social se apenas os homens aí estivessem com os seus fatos escuros, suas atitudes severas, suas falas sobre negócios e política; suas falas sem fantasia, desprovidas de sonho!

Só por uma razão a mulher ainda não conquistou o mundo: falta-lhe a força, a força física, a força bruta. E, por enquanto, este mundo ainda pertence ao bruto: ao homem!

Até quando?..

NÃO SE CANDIDATE, SR. PRESIDENTE!

(continuação da pág. 1)
sidente!... A sua consciência não representa o sentir e o pensar das gentes de Loulé. É indispensável que as Câmaras não sejam como o caracol que transporta a casa às costas para todo o lado. O senhor tinha sido mais útil se tivesse defendido os interesses legítimos das populações rurais, eternamente desprotegidas, em vez de ter enveredado pelos assuntos políticos de carácter nacional. A urbanização de Quarteira é uma vergonha. O bairro da lata, uma epidemia social, que não foi solucionada. Há muitos caminhos por arranjar, aldeias por electrificar, problemas de esgotos e estações de tratamentos, de construção... esses são os problemas que devem ser debatidos numa Câmara. É lamentável, senhor Presidente, que após cinco anos do golpe de Estado, se burocratize um município com discussões de ordem política; é profundamente uma questão que não orienta um rumo democrático nem define a descentralização apregoada. Assisti, somente, a duas reuniões da Assembleia Municipal, foi o bastante para me aperceber que os problemas debatidos foram de carácter doutrinar e ideológico. O senhor apresentou-se como o partido de charneira, tentando ser um conciliador dos negócios políticos, agora não teve o bom senso de esperar pelos inquiridos e pelos relatórios dos acontecimentos de Montemor, limitou-se a ir na onda dos que pretendem afectar a comunidade com as suas ideias barulhentas.

Não lhe peço nada, sr. Presidente! Apenas, respeitando o seu profissionalismo, lhe rogo que não volte a candidatar-se. Não digo que amanhã o seu lugar não seja ocupado por uma pessoa de menos respeito e de mais incompetência, mas enquanto o lugar ficar à disposição de outrem é uma esperança. É um serviço enorme que o senhor presta ao Concelho de Loulé. Não me move qualquer senti-

Bairrismo
mento de ódio por si, mas também não tenho compaixão por aquilo que o senhor não foi capaz de fazer. É evidente que nunca gostei do campo socialista que o senhor cultivava, tivesse eu achado no senhor Presidente uma pessoa dialogante, compreensiva e competente, e a minha opinião seria diferente. Assim, aqui fica publicamente expressa.

Com os meus cumprimentos.
Luís Pereira

P. S. — Não se candidate!...

A água para Boliqueime lá foi desta!

(continuação da pág. 1)
sa Satrel, de Lisboa, por administração directa da Câmara. É certo que a água chega tardiamente... mas vem aí! É normal e salutar que a obra saia em condições. O empenho dos boliqueimenses pelo desenvolvimento da sua terra é grande. Um bairrismo aplicado nas suas iniciativas individuais.

É certo que não existe aqui o sentido verdadeiro do espírito colectivo, se assim fosse talvez a obra já tivesse sido realizada há mais tempo, mas cada qual acredita na casa que é sua, na terra que cultiva com amor, nas relações familiares, no livre desenvolvimento da capacidade e da inteligência dos seus filhos.

A luz é também obra prioritária e urgente que já deu os seus primeiros passos. Se chegar em paralelo com o abastecimento de água a Boliqueime é de louvar a Deus. Depois é todo um trabalho de industrialização que tanta falta faz ao crescimento da freguesia, situada precisamente no centro do Algarve e com um solo dos mais férteis do País. Não esqueçamos a agricultura e o comércio...

Luís Pereira

HABILITAÇÃO NOTARIAL

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

1.º Cartório

Notário: Licenciado
Nuno António da Rosa
Pereira da Silva

Certifico, nos termos do Art.º 97.º do Código do Notariado, que por escritura de ontem, lavrada de fls. 131, v. a 132, v., do livro n.º B-110, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi declarado que por óbito de Fernando Luís Laginha Ramos ou Fernando Luís Laginha Ramos, ocorrido no dia 3 de Novembro de 1974, no Hospital da C.U.F., da freguesia dos Prazeres, da cidade de Lisboa, natural da freguesia de S. Clemente, concelho de Loulé, habitualmente residente nesta vila, no estado de casado em primeiras núpcias de ambos e segundo o regime da comunhão geral de bens, com Maria dos Anjos da Silva Guerreiro ou Maria dos Anjos da Silva Guerreiro Ramos, actualmente sua viúva, natural da referida freguesia de São Clemente, residente nesta vi-

la, que não deixou testamento, foram habilitados como seus únicos herdeiros, as seguintes filhas:

- a) Eva Guerreiro Laginha Ramos, solteira, maior; e
- b) Maria Fernanda Guerreiro Laginha Ramos ou Maria Fernanda Guerreiro Laginha Ramos Emídio, casada segundo o regime da comunhão de adquiridos, com Sebastião Francisco Seruca Emídio; — ambas naturais da aludida freguesia de S. Clemente e residentes nesta vila.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 31 de Outubro de 1979.
O 2.º Ajudante,
Fernanda Fontes Santana

VENDE-SE

Uma casa na Campina de Boliqueime, com 10 divisões, cisterna, quintal e garagem. Tratar com José Baguinho — Monte João Preto — BOLI-QUEIME.

Trespasa-se

Bar - Restaurante, próximo das Duas Sentinelas, estrada de Quarteira. Informa Rocheta, Telef. 63123 — LOULÉ.

VENDEM-SE

Apartamentos de 3 assoalhadas em Faro, bem situados. Trata Manuel Bota Filipe Viegas, Telef. 94115 — Vale d'Éguas — Almancil — 8100 LOULÉ.

F. V.

A ARTE NO JOVEM

Não consigo engolir que a juventude seja assim tão pouco criativa, sem intensidade...

Tenho estudado muito a minha própria alma. Quer a Sociedade que a juventude seja servil, então, rouba-lhe a viveza, acabando o dia que se decide, não compreende nunca as viagens majestosas dos jovens até ao rés das coisas mais simples.

Que futuro para o jovem que pinta, o que sente a poesia, que cria e renova?

A alma do jovem é devotada, dedicada à Arte, porque o seu coração sente o sacrifício da vida. Mas a Sociedade sabe que a juventude não quer ser uma chita vistosa e, então, vira-lhe as raízes, semeia com tempo a areia movediça, essa porção triste onde o jovem está proibido de olhar por si.

A arte do jovem é de ouro, reluz, incomoda as nebulosas dos consagrados pelas más emoções da Sociedade. A arte do jovem diz com sensibilidade que a gente tropeça neste caminho. Não en-

trega os ouvidos para agigantar reinados, pintar fortalezas ou comungar tonalidades tirando respectivamente o chapéu.

É o próprio murmúrio da seiva humana que transmite às pessoas e às coisas esse clarão de virtudes que é o realismo da juventude.

Mas o jovem está longe de atingir o bem-estar dessa chama espiritual... a Sociedade forma um pântano em seu redor, considera-o um mendigo da estrada, persegue e amortalha toda a perfeição da habilidade, do sentir, da boa sorte, e destrói-lhe o caminho certo.

Anote-se-me o olhar que troco nos dias em que pareço suspeitar de tudo. A minha arte não tem segredos; é um viver às claras mesmo com lágrimas de fogo.

Estou sentado numa nuvem a falar das sinistras formas de reduzir o jovem a um entado espírito.

A arte do jovem não é um sonho alucinado ou uma nortada vingativa. É talvez uma fala reprimida.

Esta juventude aprendeu cedo a chorar a Vida no cadafalso social. É demasiado fácil tratar o jovem como um abstrato deste mundo quando não se lhe dá estímulo nem se é razoável para analisar as suas reacções.

É uma das características destas contradições e intenções ensanguentadas.

Querem que tenhamos consciência de cão, que a nossa alma seja amarga e morda a lógica dos pensamentos humanos.

Não tolero que a Arte tenha de viver das proporções, das idades, que descenda encerrada nessa memória de velho, nesse quadrado de paredes onde o homem é pela espuma da boca que fala sempre «documente».

Uma doçura que envolve o jovem numa saliva limitada... Uma vida congelada!

L. P.



GRATIDÃO



VANDA PAULA MARTINS

LEAL

António J. G. de Sousa Leal, sua mulher, filho, e restante família, ainda imensamente consternados com a perda irreparável do seu ente querido, sentem ser seu indeclinável dever vir patentear publicamente a sua gratidão a todas as pessoas que procuraram reconfortá-los em tão doloroso transe.

Através de «A Voz de Loulé» generalizamos o nosso reconhecimento a todos quantos nos acompanharam na nossa grande dor, pois sentimos a impossibilidade de agradecer individualmente a tantos amigos que nos deram alento em horas tão tristes.

Tantas e tão significadas provas de amizade e consideração dos que se dignaram acompanhar à sua última morada a nossa saudosa extinta, calaram profundamente nos nossos corações e foram um lenitivo ao nosso profundo desgosto. Jamais poderemos esquecer os testemunhos de amizade com que tantos amigos nos distinguiram, aliviando a nossa amargura com palavras de amizade e conforto.

Para todos a nossa gratidão.

TAP reestrutura serviços nos EUA e no Canadá

A TAP, decidiu tomar medidas a minorar o défice anual de 500 milhões de escudos nas linhas do Atlântico Norte, devido em parte às tarifas reduzidas para turistas e emigrantes. Para isso resolveu reestruturar os seus departamentos nos Estados Unidos e Canadá concentrando serviços em Nova Iorque.

Da medida agora adoptada, resultará uma economia de 60 milhões de escudos.

Numa segunda fase será prevista a revisão do sistema operacional nomeadamente numa maior concentração da oferta à partida de Nova Iorque, com redução drástica de frequências em Boston e Montreal.

VIGIE O SEU CORAÇÃO

Em cada ano, em Portugal, morrem umas 10 000 pessoas por «ataque de coração». Muitos milhares dessas mortes ocorrem em pessoas que se encontram nos anos mais produtivos da sua vida — homens e mulheres com empregos de responsabilidade, ou com filhos ainda a estudar, ou com as primeiras hipotecas ainda por pagar.

Poder-se-á fazer alguma coisa para evitar esta perda de vidas? Até há algum tempo, você pouco mais poderia fazer do que ter esperança de que isto não acontecesse na sua família. Mas agora as perspectivas são bem melhores!

Os investigadores cada vez se aproximam mais dos segredos da

prevenção. Estudos feitos revelam que certas constituições físicas e certos hábitos de vida aumentam os riscos de vir a sofrer de um ataque cardíaco — e para cada um desses riscos há uma atitude prática, que pode ser tomada por si, para ajudar a combatê-los.

Tudo isto contribuiu para estabelecer um programa de saúde que pode ser seguido, sob orientação médica, por todas as pessoas da família — tanto as crianças como os adultos. As crianças ainda são as que mais beneficiam, se forem habituadas desde cedo a regimes alimentares e a hábitos de vida que viam a proteger-lhes o coração na idade adulta.

Obtenha maior rendimento com os novos Tractores Ford com tracção às 4 rodas



FORD. A FORÇA AO SERVIÇO DA LAVOURA

Em condições de trabalho difíceis os tractores Ford de duas rodas motoras têm um excelente poder de tracção graças aos seus potentes motores, robustas transmissões e boa distribuição de peso.

Agora para condições de trabalho particularmente difíceis, a Ford oferece-lhe uma gama de tractores de 67 HP a 127 HP com tracção às quatro rodas.

Veja os tractores Ford com tracção às 4 rodas no concessionário da sua área.

TRACTORES FORD. UMA EQUIPA DE TRABALHADORES INCANSÁVEIS. COM MAIS DE 60 ANOS DE EXPERIÊNCIA.

FOMENTO INDUSTRIAL
E AGRÍCOLA DO ALGARVE, LDA.
Largo de S. Luís - Telef. 23061/4
8000 FARO



FUNDAÇÃO PORTUGUESA DE CARDIOLOGIA

Posto de rastreio e controle de Hipertensão arterial

Objectivos:

1. Facilitar com a ajuda de leigos de pessoal de saúde não médico, a medição da tensão arterial a todas as pessoas interessadas, quer como rastreio de hipertensão quer como controlo dum tratamento em curso, ultrapassando as dificuldades existentes.

2. Facilitar o contacto directo com a população para, a nível pessoal, dar alguns conselhos de educação sanitária, no campo da prevenção das doenças cardiovasculares em geral e das doenças hipertensiva e arteriosclerótica em particular. Dar-se-á

ênfase à limitação do consumo do sal e do tabaco e à redução do peso nos obesos, através da dieta e do exercício físico.

**

No quartel dos Bombeiros de Loulé pode medir gratuitamente a sua tensão.

O GALOPE DOS CTT

Não foi em balde que, significativamente, os CTT em Portugal escolheram como emblema um correio a galope.

De facto, de 1974 a 1979, os aumentos dos CTT foram galopantes, como se verifica nos seguintes números: selo de carta, de 1\$00 para 6\$50; chamada telefónica urbana, de 70 para 2\$50; instalação de telefone, de 300\$00 para 4.000\$00; taxa mensal de telefone, de 50\$00 para 400\$00.

PADARIA

Vende-se cota.

Resposta à Cx. Postal 21 — Faro.

Quando há aumentos nos CTT promete-se melhoria dos serviços. A realidade, porém, é o atraso da distribuição da correspondência e o cruzamento das linhas telefónicas, que são uma arrelia constante e uma despesa inútil e prejudicial.

Utente

COMPRAM-SE TELHAS USADAS

Lusalite ou Zinco

Contactar com José Alberto Gonçalves, Telef. n.º 65321.

Bispo do Algarve faz ouvir a sua voz

«O voto é a arma da paz conta as armas da violência»

É o poder da razão e do direito contra as forças do despotismo e do totalitarismo — eis o que escreve o bispo do Algarve, D. Ernesto Gonçalves Costa, numa nota pastoral relacionada com as próximas eleições e a atitude que perante elas os católicos devem assumir.

Surgindo na sequência de vários documentos com finalidade idêntica, da autoria de outros bispos portugueses, o presente documento, além de condenar a abstenção, esclarece em que sentido os cristãos devem utilizar o voto, não deixando também de desmontar as «linhas de acção do marxismo» que conduzem ao materialismo e ao ateísmo.

D. Ernesto Gonçalves Costa exorta os seus diocesanos a cumprir o dever de votar, sublinhando a propósito que «uma abstenção equivale sempre a um voto num partido contrário». O bispo do Algarve afirma que os cristãos não aceitam nem o liberalismo, «que reduz o homem à sua força de trabalho e à

sua rentabilidade em termos de lucro e de exploração», nem o marxismo, «onde os que não aderem às suas teses são rejeitados com violência e paixão como conservadores». Qualquer partido marxista, «sempre que se apodera do aparelho do Estado», «nega a propriedade ou coarctação o exercício da liberdade religiosa», «procura estrangular a ini-

ciativa privada», «nega a liberdade de ensino», «cria as dificuldades ao ensino particular», «nega aos trabalhadores o direito à greve», «nega a liberdade de Informação», «privilegia a classe dirigente, os seus militantes e simpatizantes», «nega ainda o direito da liberdade de voto» e «propaga a luta de classes, o ódio, a subversão».

PLANEAMENTO FAMILIAR: «Vou ser mãe»

«Vou ser mãe!» Com esta exclamação uma mulher volta-se para outra e dá-lhe parte da sua extrema felicidade, bem patente na alegria com que comunica o facto.

Mulher e marido planearam cuidadosamente terem esse primeiro filho. E ter um filho im-

plica uma transformação radical na vida de um casal. Por isso a ideia foi amadurecida, por isso esperaram algum tempo para terem condições que lhes permitissem receber em casa um novo ser humano com as exigências próprias de quem faz a sua entrada neste mundo!

Como é que uma mulher sabe que está grávida? Se a menstruação não aparecer, poderá significar uma gravidez. No entanto, a falta de menstruação não é um sinal seguro de se estar à espera de bebé. Deve-se esperar mais ou menos 10 a 14 dias, depois da falta da menstruação, para se fazer uma análise de gravidez.

Em seguida não podemos deixar de pensar que tanto o corpo como o espírito de uma mulher grávida sofrem uma profunda alteração. Justamente esta alteração exige cuidados médicos, porque o organismo ao fim e ao cabo vai ter de «trabalhar» por dois. A alimentação deve ser enriquecida com vitaminas, ferro, cálcio e outros produtos, há análises que têm de se fazer regularmente, é preciso ainda vigiar o aumento de peso e observar as medidas do ventre. Em resumo, a evolução de uma gravidez exige uma observação contínua ao longo dos nove meses por pessoal médico, a fim de que o parto corra o melhor possível para a mãe e para o filho.

Muitas mulheres grávidas adiam a ida ao médico pelas mais variadas razões, entre elas a falta de informação. Acontece porém, que de acordo com o Despacho Ministerial de 20/7/78 todas as pessoas quer sejam ou não beneficiárias de uma Caixa de Previdência têm direito à assistência na gravidez e no parto. Assim, qualquer mulher nestas circunstâncias, deverá, se está grávida ou mesmo se apenas julgar que está, dirigir-se ao Posto Médico da Caixa ou Casa do Povo da área onde mora, para ir a uma consulta. Tanto as consultas, como as análises e tratamentos aconselhados são gratuitos, isto para a gravidez e para o parto. É muito importante para a saúde da mulher, para que o parto corra o melhor possível e para a boa saúde da criança que vai nascer, que a mulher grávida recorra aos serviços médicos a que tem pleno direito.

A Comissão da Condição Feminina envia gratuitamente um folheto «Como nasce uma criança» a quem o solicitar para a Av. Elias Garcia, 12.1.º, 1093 Lisboa Codex (tel. 732835) ou Rua Magalhães Lemos, 109.2.º 4000 Porto (Tel. 21996).

Trespassa-se

Mercearia, na Rua do Pinheiro, n.º 64, 66, 68 em Quarteira.

Trata o próprio: Tel. 65240.

A LINDA CONSTITUIÇÃO QUE NOS DERAM

XIII

(Continuação)

Se o jovem não é trabalhador já sabe que não é português de primeira classe e, quando muito, será um português de segunda ou terceira classe.

Tal é a posição em que esta ignominiosa Constituição coloca a juventude de Portugal.

Para melhor compreender a descriminação na juventude teremos ainda de fazer a leitura do artigo 73, n.º 3:

O Estado promoverá a democratização da cultura, incentivando e assegurando o acesso de todos os cidadãos, em especial dos trabalhadores...

Queremos mais excepções? Mais descriminações? Vejamos então a alínea g) do n.º 3 do artigo 74:

«Na realização da política do ensino incumbe ao Estado:
a) Estimular a formação de quadros científicos e técnicos originários das classes trabalhadoras.

Para esta linda Constituição os valores a estimular são somente os que provêm das classes trabalhadoras. Quem não provenha das classes trabalhadoras não merece a pena gastar cera com eles porque devem ser umas bestas; tal é a concepção que esta linda Constituição que nos deram tem da grande maioria da juventude portuguesa.

Se formos às incumbências prioritárias do Estado, encontraremos ainda na alínea o) do artigo 81, o seguinte:

o) Estimular a participação das classes trabalhadoras e das suas organizações na definição, controlo e execução de todas as grandes medidas económicas e sociais».

Isto pressupõe a existência do Poder dos Trabalhadores ou seja a Ditadura do Proletariado; mas não deixa de ser uma reles subversão a um Poder que ainda não existe; não deixa de ser um namoro ignóbil a uma classe cujo Poder é tão somente uma miragem. Mas a mais reles e torpe subversão encontra-se no artigo 83:

«Todas as nacionalizações efectuadas depois do 25 de Abril são conquistas irreversíveis das classes trabalhadoras».

Porque é que tais conquistas não pertencerão ao povo português, à Nação portuguesa, e são bens exclusivos das classes trabalhadoras? Porquê esta descriminação?

Porquê este privilégio das classes trabalhadoras?

Mas esta cedência, esta ignóbil entrega exclusivamente às classes trabalhadoras, ao proletariado, tem continuação neste artigo 83:

«As pequenas e médias empresas indirectamente nacionalizadas, fora dos sectores básicos da economia, poderão, a título excepcional, ser integradas no sector privado, desde que os trabalhadores não optem pelo regime de autogestão ou de cooperativa».

Chega a ser repugnante a baixez de fazer depender da vontade de certas pessoas a integração ou não integração de determinados bens no domínio do sector privado; mas na verdade isto acontece constitucionalmente no nosso país como se vê neste artigo 83 que também diz:

«Todas as nacionalizações efectuadas depois do 25 de Abril de 1974 são conquistas irreversíveis das classes trabalhadoras».

Isto quer dizer que para as outras classes as conquistas não são irreversíveis. Só as classes trabalhadoras são gente para esta linda Constituição que nos deram.

O sentido cósmico do «irreversível» aplicado a fenómenos políticos é puramente reaccionário o que prova, mais uma vez, que a linda Constituição que nos deram é filha espiritual do fascismo moscovita.

No artigo 85, n.º 3, preceitua-se que o Estado poderá intervir na gestão das empresas privadas para assegurar o «interesse geral» e os direitos dos trabalhadores, o que demonstra que a Constituição marxista, de que estamos a falar, distingue o interesse geral, dos direitos dos trabalhadores, para privilegiar estes.

Mais um privilégio desta Constituição contra os privilégios.

Enunciámos alguns dos muitos privilégios da Constituição marxista, e a seguir iremos analisar as consequências desses privilégios, para as quais chamaremos a atenção da juventude portuguesa:

AS CONSEQUÊNCIAS

Uma Constituição será um código de princípios político-administrativos que abranjam sinteticamente as principais regras jurídicas as quais disciplinam as actividades do homem em sociedade.

Só as principais regras, traves mestras de uma ossatura jurídica onde se projectarão as acções da vida humana nas suas variadíssimas formas, nela se devem incluir.

Para além das principais regras existe essa ossatura, um vasto conteúdo; mas já não se trata de uma síntese; trata-se do desdobrar e disseminação delas.

Todavia, a linda Constituição que nos deram, é um outro caso; é coisa diferente. Nenhuma síntese, nenhum enquadramento, nenhuma sequência: é um molho folclórico onde se enfeiam todos os disparates, todas as provocações, todas as contradições. É um mundo raivoso de mentiras, de imoralidades, de invejas e desordens.

A separação entre povo e proletariado a quem são concedidos todos os privilégios, é de uma imoralidade chocante.

O direito do proletariado matar o patrão, asfixiando-o sem defesa concedida a este, é de uma imoralidade repugnante.

Ao proletariado é concedido o direito à greve; ao patrão é proibido o lock-out.

(Continua)

Para os que têm ouvidos e não ouvem e Para os que têm olhos e não vêem

No prosseguimento das considerações, que respigámos do pequeno-grande livro, como lhe chamámos, do «Louletano» de fibra e notável «Algarvio» que foi «Par do Reino Vitalício» e deputado em várias legislaturas, que foi o Dr. Marçal Pacheco, cá estamos de novo a trasladar para as colunas deste jornal, alguns trechos mais das opiniões, acerbas, com a política e os governantes de seu tempo são tratados com mão de mestre e profundo conhecimento de causa.

Através do seu folheto que intitulou «Fala o Velho Portugal», «A Resposta do País» fica-se a saber, claramente, que os políticos da sua época em constituíam os parlamentos e os governos, tal como hoje, representando o «Povo» que os elege, usando as querelas de sempre, dos desentendimentos constantes, das suas lutas intestinas, e tudo o mais que não será necessário explanar, não serviam afinal, como ainda hoje não servem, o «Povo», antes serviam, sim, como ainda sucede, os respectivos partidos.

E o «Povo» o eterno enganado, acreditando nas suas conhecidas diatribes, vai sofrendo as consequências.

Mas deixemos as considerações que a leitura do folheto em causa nos proporciona, e vamos ao que ele nos diz:

«FALA O VELHO PORTUGAL»

«As minhas colónias que bem poderiam ser a terra, o celeiro e o mercado da minha economia depauperada, — não esquecer que esta opinião está quase a cem anos de nós — constituem apenas, por imprevidência ou cumplicidade dos governos, a túnica ensanguentada de Cristo sobre a qual joga os dados, a cupidez dos estrangeiros.

As minhas letras quase morreram com Herculano e Garrett; e se muitos velhos e novos, ainda existem com subido engenho criador, bem transitória

será a sua obra literária que subsista, quando a não inspira um aspecto grandioso da alma colectiva de um Povo.

Monumentos de arte nunca os possui em abundância, mas até esses que um passado de glórias, mais guerreiras do que intelectuais me legou em padrões, de arquitectura, aí jazem ao abandono, esborçando-se a pedações, transformando-se em ruínas.

A economia do meu tesouro não é feita de previdência cautelosa e de parcimónia regrada, arrasta-se cambaleante, entre empréstimos disfarçados e calotes vergonhosos.

Os meus bancos não são estabelecimentos de capital necessário às operações fiduciárias dos centros de comércio e da indústria; são, quase todos, condescendentemente parceiros interessados, que servem a empresas pouco lisas, como a Companhia Real serviu o Banco Lusitano, os bancos do Porto ao assalto de Salamanca, e o de Portugal à emboscada dos tabacos.

O meu exército, terrestre e do mar, demasiadamente pequeno para embates de guerra e demasiadamente grande para as melações da paz, não o serve ao fim legítimo da sua instituição natural: cifram-se, ao ano, por milhares, os contos que dispense e consome, e no entanto, as suas armas conservam-se em descanso, diante das afrontas cruéis com que sou aviltado».

E por hoje ficamos por aqui. Mas continuaremos, dado que o «Velho Portugal», muito tem ainda para dizer, possibilitando a comparação com os dias em que vivemos.

M. J. Vaz

A ESTÚPIDA MANIA DAS CARTAS ANÓNIMAS

(Continuação)

6.º — O feroz ditador foi ou não dono deste País? É mentira?

Dom Incógnito, você perdeu a possibilidade de perguntar porque o feroz ditador já morreu. Agora resta-lhe lidar com os Novos Ditadores, seja obediente, não se queixe, que obterá resposta. Aventure-se e vingue-se dos ditadores, encare a vida a sério...

7.º — Quando alguns ministros não faziam o que ele entendia demitiam-os como se fossem criados! É mentira?

Saiba Vossa Senhoria que nunca vi tanto ministro demitido como agora. Tantos governos desconcertantes, tantos aldrabões, em tal coisa nunca achei pés nem cabeça. Segredos ocultos existindo. Criados cada vez há mais. Tanta martelada...

8.º — As eleições nesse reinado Salazarista era uma farsa. É mentira?

O seu Ignorante você chateia-me com perguntas meio analfabetas. Porque não se dirigiu ao Reino de outrora e expôs as

suas ideias? Eu sempre critiquei as farsas eleitorais. Estas últimas eleições continuam a não dar uma migalha de pão aos pobres. Abra os olhos e repare nos mendigos, nas crianças sem lar, nos jovens desempregados. Desprezo as farsas e a mentiras venham elas donde vierem. O Povo continua alagado, os seus argumentos deviam ser sepultados porque já não têm cabimento na época em que vivemos. O senhor é um saudosista das velharias marxistas. Dilata a sua fé nas ditaduras. Parece-me um manipulado.

9.º — Quem era o campeão nessas eleições? Se tem memória deve saber!...

Nessa altura era o Benfica, agora é o F. C. do Porto... de campeonatos não percebo nada. Nunca fui primeiro em coisa nenhuma!

10.º — Quantas mortes e feridos ceifou a guerra colonial? Foi ou não uma luta inútil? Deve lembrar-se que a mocidade andava revoltada. É mentira?

De estatística pouco sei. Morreram na guerra colonial. Morreram na Descolonização exemplar. A mocidade andava revol-

tada. A mocidade continua revoltada. Quer mais matirio? Pergunte aos seus camaradas.

11.º — Pode dizer-me quantos morreram e ficaram feridos sem pernas, sem braços e cegos? Isto é humano? Fale!

Meu caro, estou quase a mandar-lhe à...; pensa que sou alguma Enciclopédia Histórica? E cuidado não me obrigue a falar; defendo o espírito livre do ser humano, não aceito imposições de badamecos que só andam no escuro como os morcegos.

12.º — Se não fosse o 25 de Abril o volume dos mortos aumentaria e nós estaríamos nesta data num colossal cemitério. Isto é mentira? Fale!

O 25 de Abril criou novos cemitérios. Quer no fascismo quer na «Democracia» o Povo viveu sempre de luto. Sacrifícios e injustiças. Convulsões e castigos. Nós, Verdadeiros Portugueses, não merecíamos nem uma Guerra colonial nem uma «Descolonização exemplar». Vossa Excelência divulga nesta carta as suas aparências sociais-imperialistas, um fiel discípulo de Cunhal que amanhã poderá ser despedido do ofício caso o seu Chefe tome o Poder, o que não julgo provável!

13.º — Como deve saber quem alimentava a guerra colonial eram os tubarões capitalistas que ali tinham chorudos negócios, não se importando com as mortes dos seus semelhantes...

Vá chatear a sua prima. Que novidade que você me dá! As colónias nunca foram do seu Povo. As grandes potências estiveram lá, continuam lá, estarão sempre lá. Mesmo com o seu lá, lá, lá, de é mentira? É mentira? É mentira?... É mentira, sim senhor, que você seja um bairrista. Um louletano não é assim tão ignorante nesta matéria!

14.º — Ainda há quem fale mal do 25 de Abril que livrou das garras da morte a nossa mocidade. É mentira? Seja uma vez na vida sincero!

Quer você me acusar que eu nunca fui sincero. Pois olhe que nunca tive vida de leão. Não gosto que me venham «abençoar» com palavras encomendadas. O senhor engoliu uma casette que eu estou farto de ouvir. Sabe, é que não gosto de palavras comerciais. Que autoridade tem você para analisar a minha sinceridade? Você é mal-educado, atingiu o desequilíbrio mental, quem sabe se é um creador do Diabo? Fale em público, acuse-me em público, sendo certo que por aí os acentos nas suas frases. Quero ver a sua cara de Santo ou de Herói.

15.º — A classe operária nesse reinado Salazarista viu-se obrigada a emigrar devido aos exigentes ordenados pagos pela exploração capitalista. É mentira?

Não diga, Senhor tal, que os costumes agora são diferentes! (Continua na pág. 7)

VAI A LISBOA?

Visite e hospede-se no Hotel Lis, o mais central de Lisboa. Óptimas instalações, o melhor preço e ambiente familiar.

Situado na Av. da Liberdade, 180 — Telefones 537771 e 563434.

(8-2)

Os riscos da caça

A caça é a actividade mais antiga que o homem conheceu. Tão antiga como ele próprio. O homem primitivo lutava com os outros animais, não só para sua defesa mas também para os abater com vista à obtenção de alimento e abalo. Quando a pastorícia começou a fazer parte das suas preocupações, veio juntar-se àquelas causas a defesa dos rebanhos. Depois, no período em que o homem se fixa à terra e a amanhã, a defesa das suas culturas leva-o a enfrentar as espécies selvagens. Mais tarde, com o refinamento da sociedade, com o criar de necessidades sumptuárias, o desenvolvimento do comércio e das competições desportivas, atinge novas expressões: caça-se por desporto, caça-se para abastecer mercados de carne e de peles, atingindo a sua indústria expressão significativa. É assim que nos surge a profissão de caçador, com fins de desporto e de lucro.

A actividade de caçador é muito salutar. O homem na caça vive intimamente em contacto com a natureza. Mais por força do seu exercício do que pelos benefícios que dela colhe, ele troca o ambiente denso de poeiras e fumos da cidade pelo ar puro das serras e dos vales. E ao mesmo tempo que aspira fundo as seivas dos campos, caminha quilómetros, ginasticando os músculos, libertando-os de nocivas toxinas. Mas esta actividade de tão grande utilidade para o homem envolve riscos. É o seu lado negativo. Ora é destes riscos que vamos falar. E vamos fazê-lo reportando-nos apenas à caça mais vulgarizada pelos adeptos de Sto. Huberto, seu protector, que é a vulgar caça aos coelhos, perdizes, rolas, etc. Referimo-nos a esses caçadores que povoam por esta época esses campos, além de caçadeira em riste, cartuxei-ras à cintura na companhia dos seus perdigueiros.

Nestes acidentes os caçadores surgem tanto como autores como vítimas. No primeiro caso atingindo com os seus disparos um ou outro furtivo trabalhador do campo, entretido no amanho das suas terras. No segundo, naqueles casos em que é o caçador a vítima, por tiros feitos pelos seus companheiros, pelo mau funcionamento das armas ou qualidade das munições. Muitas vezes acontece verificar-se uma descarga causada por queda do caçador, subidas e descidas de barrancos à fila dum coelho ou de outra espécie, tropeçando ou sendo apanhado pelos arames de terrenos aramados. Outro perigo muito grande e frequente é a existência de poços sem protecção nem sinalização, envolvidos em silvas, tanto do agrado dos coelhos, onde se acoitam. Quantos caçadores têm neles encontrado a morte!

Urge que o caçador esteja consciente dos riscos da sua

profissão e atenda a um pequeno número de regras de segurança. Algumas destas regras parecem descabidas, pois o seu não acatamento, que se verifica tantas vezes, só muito raramente são causa de acidente. No entanto são muitas as vítimas do seu desrespeito.

Vejam-se então algumas destas regras:

— Verificar o bom estado das armas, a sua lubrificação, o seu funcionamento;

— Utilizar munições de confiança;

— Caminhar com a arma voltada para baixo travada e com o dedo fora do gatilho;

— Procurar, quando em grupo, postar-se em linha, evitando expor os companheiros e expor-se a si ao fogo das armas;

— Procurar saber da existência de outros caçadores nas proximidades;

— Verificar se não existe qualquer pessoa na linha de fogo;

— Ter muito cuidado com arames que dividem terrenos e bem assim acautelando-se junto de medas ou de barreiras de silvas, que podem ocultar um poço ou vale profunda.

Um outro risco pode derivar de animais doentes cuja carne pode prejudicar a saúde de quem a ingerir. Nesta conformidade deverá regeitar-se toda e qualquer peça cujas vísceras apresentem anomalias suspeitas de doença, enterrando-a profundamente ou mesmo destruindo-a pelo fogo a fim de evitar o contágio a outras espécies.

Orlando Nascimento

BARCOS DE ALUGUER

Vendem-se 11, do tipo gondola, com 2 épocas de uso nas praias de Quarteira, e respectiva concessão.

Telefone 65865 — VILAMOU-RA (horas de expediente).

LUÍS PONTES

ADVOGADO

Rua D. Paio Peres Correia,

n.º 31 — Telef. 62406

LOULÉ

VENDE-SE

Terreno situado na Avenida da Liberdade, em S. Brás de Alportel, com 16.000 m².

Tratar na Rua Paiva de Andrade, 52-1.º H — Tel. 23337 — Torres Vedras.

(10-7)

TERRENOS ALGARVE

QUINTAS, FAZENDAS, COURELAS (C/ OU S/

CASA).

PARA TODAS AS DIMENSÕES, PREÇOS E LOCALIZAÇÕES.

COMPRA E VENDE: JOSÉ VIEGAS BOTA —

R. SERPA PINTO, 1 a 13 — TELEF. 62634 — LOULÉ.

QUARTEIRASOL — Sociedade Turística, S.A.R.L.

Certifico para efeitos de publicação que, por escritura de 23 de Agosto de 1979, lavrada neste Cartório Notarial do concelho de Lagoa — Algarve, a cargo da Licenciada Catarina Maria de Sousa Valente, e exarada de folhas 60 verso a folhas 66 verso, do Livro de notas A-95, foi alterado parcialmente o pacto social da sociedade anónima de responsabilidade limitada, «Quarteirasol — Sociedade Turística, S.A.R.L.» com sede em Quarteira, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, conforme fotocópia anexa composta de dez folhas, devidamente numeradas, rubricadas e autenticadas.

ARTIGO PRIMEIRO: — mantém-se.

ARTIGO SEGUNDO: — mantém-se.

ARTIGO TERCEIRO: — mantém-se.

ARTIGO QUARTO: — O capital social de TRÊS MILHÕES DE ESCUDOS, que os outorgantes afirmam estar totalmente subscrito, representado e dividido por três mil acções, no valor nominal de mil escudos, cada uma.

Parágrafo primeiro: — Depois de liberadas, as acções serão nominativas, podendo ser convertidas em acções ao portador, no todo ou em parte.

Parágrafo segundo: — Poderá haver títulos representativos de uma, cinco, dez, vinte e cinquenta acções.

ARTIGO QUINTO: — Poderá o Conselho de Administração proceder ao aumento de capital social, uma ou mais vezes e até ao limite de sessenta milhões de escudos.

ARTIGO SEXTO: — A sociedade fica autorizada a realizar com acções próprias, quaisquer operações legais que o Conselho de Administração reputar convenientes.

ARTIGO SÉTIMO: — A Sociedade poderá emitir obrigações por simples deliberação do Conselho de Administração.

ARTIGO OITAVO: — Um — A Sociedade será administrada e representada por um Conselho de Administração, composto de um a três membros, eleitos trienalmente e sempre reelegíveis, um dos quais exercerá as funções de Presidente, sem voto de qualidade, podendo haver um ou dois Administradores-delegados.

Dois — O Conselho de Administração, designará entre si, o membro que desempenhará as funções de Presidente do Conselho de Administração.

Três — Poderá o Conselho de Administração designar Administradores-Delegados.

ARTIGO NONO: — Ao Conselho de Administração competem os mais amplos poderes de gerência dos negócios sociais, nomeadamente:

Um — Representar a Sociedade em juízo e fora dele;

Dois — Levar a efeito todos os actos e contratos da sua competência e executar

as deliberações da Assembleia Geral;

Três — Nomear administradores adjuntos, directores, procuradores ou outros mandatários, mesmo estranhos à Sociedade, sempre sem quebra da sua responsabilidade, bem como encarregar quaisquer pessoas singulares ou colectivas de desempenho, por conta da sociedade, de alguma ou algumas das suas actividades;

Quatro — Propôr e contestar quaisquer acções, transigir e desistir das mesmas e comprometer-se em árbitros;

Cinco — Adquirir e alienar bens e direitos mobiliários e imobiliários, e onerá-los por qualquer forma.

Seis — Providenciar sobre as faltas e impedimentos dos seus membros e escolher de entre os accionistas quem deve preencher as vagas até à primeira Assembleia Geral, que deverá confirmar a nomeação ou eleger outros;

Sete — Decidir sobre a participação, sua forma e respectivo quantitativo, no capital social de outras empresas, bem como sobre a nomeação dos representantes da sociedade em empresas singulares ou colectivas;

Oito — Atribuir ordenados, vencimentos ou outra forma de remuneração às pessoas singulares ou colectivas previstas no número três, do presente artigo;

Nove — Deliberar sobre os assuntos que lhe sejam postos pelos representantes da sociedade noutras empresas.

Parágrafo primeiro: — Para que as deliberações sobre as matérias constantes dos números seis, sete e oito do corpo deste artigo sejam válidas, é necessário que:

a) — Tenham os Administradores sido convocados para as citadas reuniões por escrito expedido com um mínimo de quinze dias de antecedência sobre as mesmas;

b) — Constem expressamente da convocatória, quais as matérias sobre que vão ser tomadas deliberações.

Parágrafo segundo: — Nas reuniões do Conselho de Administração em que sejam tratadas as matérias referidas no parágrafo anterior, qualquer dos Administradores poderá enviar voto escrito sobre cada uma das matérias mencionadas na convocatória, bem como delegar noutro administrador a sua representação, devendo, para qualquer desses efeitos, ser dirigida ao Presidente do Conselho de Administração a respectiva comunicação.

ARTIGO DÉCIMO: — Um — As faltas dos Administradores impedidos temporária ou definitivamente, ou que renunciarem ao mandato, serão supridas pelo Conselho de Administração, que escolherá quem deva ser chamado em sua substituição, os quais exercerão as respectivas funções, tratando-se de impedimento temporário, até que o mesmo cesse e, em ca-

so de impedimento definitivo ou de renúncia, até à próxima Assembleia Geral ordinária ou extraordinária se, entretanto, alguma vier a ser marcada.

Dois — As deliberações do Conselho de Administração serão tomadas por maioria de votos sendo facultada ao Administrador que por qualquer motivo não possa assistir às reuniões fazer-se representar por outro administrador ou enviar o seu voto, por meio de carta registada sobre os assuntos que nessas reuniões devam ser tratados.

ARTIGO DÉCIMO PRIMEIRO: — O Conselho de Administração poderá nomear nos termos do artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial, um ou mais procuradores com poderes gerais ou limitados de Gerência Comercial.

ARTIGO DÉCIMO SEGUNDO: — O Conselho de Administração reunirá ordinariamente uma vez por trimestre, extraordinariamente por convocação de qualquer dos membros devendo as suas deliberações constar de acta assinada por todos os que nela tenham participado.

ARTIGO DÉCIMO TERCEIRO: — A sociedade fica obrigada pela assinatura de dois administradores.

ARTIGO DÉCIMO QUARTO: — A Administração não poderá quer de si, quer do mandatário constituído, aceitar, sacar ou endossar letras, nem conceder, seja a quem for, garantias comuns ou cambiárias, desde que estes actos não digam respeito a operações comerciais da própria sociedade.

ARTIGO DÉCIMO QUINTO: — A Fiscalização da Administração Social, com as atribuições fixadas na Lei Geral, será exercida por um Conselho Fiscal, composto de três membros efectivos e dois suplentes, eleitos pela Assembleia Geral de três em três anos, sempre reelegíveis, que entre si escolherão um Presidente e um Secretário.

Parágrafo primeiro: — Na falta ou impedimento de qualquer dos seus membros, o Conselho Fiscal designará quem deverá ser chamado em sua substituição, observando-se, quanto a duração das respectivas funções, o disposto no parágrafo primeiro do artigo décimo.

Parágrafo segundo: — Atendendo ao disposto na Resolução de Conselho de Ministros número Cento e Noventa e Seis/Setenta e Oito, o Conselho Fiscal, será constituído por três membros efectivos e dois suplentes, sendo um designado pelo Ministério da Tutela até mil novecentos e oitenta; outro pelo Ministério das Finanças e outro pela Assembleia de Investidores, convocada especialmente para o efeito.

ARTIGO DÉCIMO SEXTO: — O Conselho Fiscal reunir-se-á, ordinariamente, uma vez por mês e extraordinariamente, sempre que o seu pre-

sidente ou os seus vogais o tenham por convenientes, ou ainda quando o Conselho de Administração o solicite.

ARTIGO DÉCIMO SÉTIMO: — A remuneração dos Administradores e dos membros do Conselho Fiscal, por vencimento ou gratificação, será fixada por uma Comissão especial, constituída por três membros eleitos trienalmente em Assembleia Geral.

ARTIGO DÉCIMO OITAVO: — A Assembleia Geral quando regularmente convocada e constituída, representará a universalidade dos accionistas, e as suas deliberações, sempre que forem tomadas nos termos da Lei e destes estatutos, serão obrigatórias para todos os accionistas, mesmo para os ausentes ou divergentes.

Parágrafo primeiro: — Só terão direito de voto, os accionistas que possuírem pelo menos, vinte e cinco acções.

Parágrafo segundo: — Os accionistas possuidores de menos de vinte e cinco acções poderão agrupar-se de forma a completar este número, fazendo-se representar na Assembleia por um dos componentes do grupo.

Parágrafo terceiro: — A prova de qualidade de accionista, para os fins deste artigo poderá fazer-se pelo averbamento das acções ou pelo depósito delas na própria sociedade três dias antes, pelo menos, da data marcada para a reunião da Assembleia.

Parágrafo quarto: — Os accionistas poderão fazer-se representar por outro accionista, mediante carta com a assinatura reconhecida notarialmente, enviada com a antecedência mínima de três dias ao Presidente da Mesa da Assembleia Geral, na qual se indique o mandatário e se especifique a reunião a que se destina.

ARTIGO DÉCIMO NONO: — A mesa da Assembleia Geral será composta de um Presidente e um secretário todos eleitos trienalmente de entre os accionistas, sendo sempre permitida a sua reeleição.

ARTIGO VIGÉSIMO: — Ao presidente da Mesa da Assembleia Geral competirá convocar a Assembleia na forma legal, assim como dirigir os trabalhos, durante as reuniões, de harmonia com os presentes estatutos e o disposto na Lei Geral.

Parágrafo único: — Na falta ou impedimento do presidente, exercerá as suas funções o secretário; no caso de ausência de todos os elementos da Mesa da Assembleia, esta, nos termos da Lei geral, elegerá o accionista que presidirá à reunião.

ARTIGO VIGÉSIMO PRIMEIRO: — A Assembleia Geral reunir-se-á ordinariamente uma vez em cada ano, nos primeiros três meses posteriores ao último exercício, cujo balanço e contas apreciará.

Parágrafo único: — Extraordinariamente poderá a Assembleia reunir-se sempre que o Conselho de Adminis-

tração ou Conselho Fiscal o julguem necessário, com motivo fundamentado, ou ainda a requerimento de accionistas que representem, pelo menos, uma quarta parte da totalidade do capital social.

ARTIGO VIGÉSIMO SEGUNDO: — As Assembleias Gerais, ordinárias ou extraordinárias, poderão constituir-se e deliberar em primeira convocação, desde que se encontrem presentes ou devidamente representados accionistas possuidores de metade do capital social, exceptuando apenas os casos em que a Lei exija um quórum superior.

Parágrafo primeiro: — Quando a Assembleia não puder constituir-se no dia e hora para que foi convocada, reunir-se-á duas horas mais tarde, sendo, neste caso dispensada a percentagem do capital exigida no corpo deste artigo.

Parágrafo segundo: — Em cada reunião será presente aos accionistas para ser assinada por todos, uma lista contendo a indicação do número de acções averbadas em seu nome ou depositadas por cada um deles, bem como o número de votos correspondentes.

ARTIGO VIGÉSIMO TERCEIRO: — As deliberações serão tomadas por maioria absoluta de votos correspondentes aos accionistas, tanto presentes como representados, contando-se um voto por cada vinte e cinco acções.

ARTIGO VIGÉSIMO QUARTO: — O ano social coincide com o ano civil.

ARTIGO VIGÉSIMO QUINTO: — Os lucros líquidos apurados pelo balanço anual, depois de feitas as amortizações que o Conselho de Administração julgar convenientes, terão a seguinte aplicação: — Cinco por cento para a constituição ou reintegração do Fundo de Reserva Legal, até ao limite estabelecido na Lei, sendo o remanescente aplicado de acordo com o que a Assembleia Geral determinar.

ARTIGO VIGÉSIMO SEXTO: — A dissolução da sociedade e a liquidação e partilha do património social serão feitas de harmonia com as disposições legais e aplicáveis e as deliberações da Assembleia Geral.

Cartório Notarial de Lagoa, 11 de Outubro de 1979.

A Ajudante,
Maria Cecília G. Pargana

VENDE-SE

Uma horta no sítio do Seminário - Quarteira, com aproximadamente 7.000 m², com água, 500 laranjeiras e 50 pessegueiros.

Tratar com Joaquim Ângelo Guerreiro ou Gualdino Oliveira Guerreiro — Escanxinas — Almansil.

A estúpida mania das Cartas Anónimas

(Continuação da pág. 5)
Como vivem os operários e os camponeses? Que confiança têm os emigrantes no depósito das suas economias? Porque cortam o voto aos emigrantes? A exploração tem sido permanente. A inflação galopa. O desemprego engrossa. A produção diminui. Vivemos uma época de desvarios.

16.º — *Esse fatídico Salazar era católico desumano e inquisidor. No seu reinado deu as Broas de Natal aos funcionários? Assim é ser cristão? Fale dentro da sua consciência se isto não é verdade. Concorda?*

Sem corda, Caríssimo Mandrake, não se ata nenhum regime. Nunca recebi Broas de quem quer que fosse. Quanto à pergunta se Salazar era cristão, devo dizer-lhe que nunca o vi rezar, tenho consciência de que a cruz era pesada... agora não é menos!

17.º — *Quantos roubos se fizeram nessa triste época! Lembra-se se tem memória: O Valagão, Tenreiro e C.ª. Como sabe alguns ficaram abafados. É mentira?*

O Valagão não conheci, não sei se é um fantasma igual ao senhor. Quanto ao Tenreiro sei que, apesar dos roubos, ainda garantia umas postas de bacalhau. Agora, nem no Natal! Como pode ver os roubos abafados são crimes que não se apagam.

18.º — *A pide em Portugal era um exército bem montado e bem pago aliado à Bufaria. É mentira?*

(... importa sublinhar que você está esgotado, a memória vazia e os olhos pendidos. Na sua frase vejo o pálido reflexo do seu retrato).

19.º — *Quem reclamasse que tinha fome ou era mal pago, qual era a resposta? Era preso e torturado. É mentira?*

«Casa onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão...». A fome encontra-a por toda a parte. As torturas são amargas. A política mata as pessoas. Montemor é o retrato fiel da violência que continua. Neste País, já não há espécie de moral... a originalidade dos pseudo-revolucionários!

20.º — *Foi ou não foi o 25 de Abril que veio dar mais regalias aos empregados... É mentira?*

A mim não me deu nenhuma. Talvez o senhor seja um privilegiado, um homenzinho com um novo fato burguês. Um desses que recebe por cantar as suas desgarradas... Talvez ganhe por andar nessas cavernas fadadas à procura da calúnia, enviando cartas anónimas à boa maneira pidesca. Eu sei lá!...

21.º — *A censura no tempo do Salazar e Caetano era férrea e ninguém podia escrever ou criticar a situação. É mentira?*

A censura deixou de existir? Ou quer você dizer que antigamente a censura era de ferro e que agora é de plástico? É que o plástico com a acção do fogo torna-se mais elástico! Não se progrediu nada em termos culturais, o obscurantismo é assanhado e a censura desdobra-se a vários níveis.

22.º — *Nos correios as cartas eram abertas e remetidas para a Pide. É mentira?*

Dê-se ao esforço de procurar na História dos Correios. Penso que você é mesmo mandrião...

preencha o seu tempo com um trabalho frutuoso, encontrará as respostas às suas questões. Não me mace! Não me mace! Não me mace!

23.º — *Muitos construtores civis enriqueceram à sombra do fascismo que lhe dava todas as facilidades para demolirem prédios em bom estado, como sucedeu aí. É mentira? Hoje barafustam porque a gamela foi no balão!... O sr. lida com alguns desse tempo.*

Que esperteza! Que revelação! Que exemplos! Não sou construtor, não tenho prédios, vivo com os meus pais numa casa que já foi dos meus avós. Parece-me absolutamente normal lidar com todas as pessoas das mais diversas profissões. Não ponho etiquetas nas pessoas. Não uso emblema. Não estou filiado em nenhum partido ou associação. Só peço que Deus Nosso Senhor lhe pique na língua. Talvez você se emenda e deixe de ser malcriado.

E o Dotado de todas as propriedades, conclui a carta da seguinte maneira:

«Agora o sr., o Mendes, o Bota e o Piedade e outros que aparecem de vez em quando, devido lhes faltar a alpista apregoam aleivosias sem provas como eu faço dentro da verdade. Tudo o que menciono é a realidade do passado e quem me desmentir passa à categoria de aldrabão!...

Para seu bem escreva artigos fora da óptica política, visto notar no sr. uma certa habilidade. Lembre-se que há nuvens bastante carregadas no céu da vida e...

Não faça a vontade a certos indivíduos embora lhe paguem, que estão a envolvê-lo num caminho funesto. Houve alguém que vive junto dos donos do jornal que parte dos colaboradores são bem pagos para escreverem artigos políticos. Tome conta, e bem conta que o seu cérebro não seja lavado inconscientemente por essa gentinha. Lembre-se para seu bem, se aparecer aí um ditador o sr. e os outros já não piam como estão agora a fazê-lo. Tomem muito cuidado com o futuro!...

Sem mais assunto queira aceitar cumprimentos dum conterrâneo que lhe deseje bem.

O fantasma J. R. T.»

Peço desculpa por esta interrupção. A hora que recebi esta carta chegou-me às mãos um telegrama de Washington para ir levantar um cheque do Presidente Carter. Meu Conterrâneo X, saiba que só recebo dólares tal como você só deve receber rublos. O escudo anda muito em baixo!

O essencial é saber ver. Você é ignorante, não sabe ver. Pode ser que seja mais feliz por não procurar instruir-se. Mas insiste na ofensa, é o seu meio e eu sei perdoar-lhe, você não sabe o que diz nem o que faz. É uma vítima dos regimes que nos têm imposto. É ameaça com uma certa naturalidade... não sei qual o movimento que lhes emprestou as palavras. Creio tratar-se de qualquer bando totalitário. O meu cérebro não precisa de ser lavado você é que pode melhorar o seu se souber perdoar-se a si próprio. É um doente de reflexão; tem nervos; não sei se é gordo ou magro mas não deve ter feições bonitas. Nunca fiz a vontade a almas do outro mundo, você apresenta-se como um inteligente, apercebido das coisas e dos factos, verifico que o sr. chama aldrabão a todos que não comungam das suas ideias desprezadas. Devo dizer-lhe que procuro restaurar o meu País com os

dólares que ganho para fazer jornalismo. Apareça que eu explico-lhe como se ganha bom dinheiro...

Quanto ao piu, piu, a sua educação depositou no seu cérebro cóco de galinha. Será que você quer ser o futuro ditador? Candidate-se, pois o seu carácter é tipicamente ditatorial, compreende com exactidão as facturas da

loucura, da repressão e da falsidade.

Será que você libertou o espírito com esta carta anónima? Porque caminha na sombra e não se apresenta com a respectiva certidão de louletano autêntico? Acautele-se com as falhas da sua memória, há nuvens bastante carregadas no céu da vida e...

Luís Pereira

ROQUETE & ARNOSO, LIMITADA

NOTARIADO PORTUGUÊS

NONO CARTÓRIO
NOTARIAL DE LISBOA

a cargo da Notária
Licenciada Maria Alice
Ribeiro Fernandes

CERTIFICO NARRATIVAMENTE PARA EFEITO DE PUBLICAÇÃO: — Que, por escritura de nove de Outubro de mil novecentos e setenta e nove, lavrada de folhas cinquenta e cinco a folhas cinquenta e nove do livro número B-trezentos e quarenta e um das notas deste Cartório, Pedro Dinis Pinheiro de Melo ou Pedro Arnoso e Roberto Luís de Roure Roquette, ao deixarem de ser sócios da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede na Quinta da Balaia, no Lugar da Branqueira, freguesia e concelho de Albufeira, sob a firma «Roquette & Arnoso, Limitada», renunciaram à gerência e autorizaram que continuasse sem alteração a firma social.

Ainda por esta mesma escritura, Álvaro Luís de Roure Ferreira Roquette, Sofia de Melo Breyner Roquette, Leonor Maria de Mello Breyner Roquette e Madalena Maria de Mello Breyner Roquette, como únicos sócios que ficaram sendo da referida sociedade e unificadas as quotas do referido Álvaro Luís de Roure Ferreira Roquette, substituem integralmente o pacto pelo constante dos artigos seguintes:

PRIMEIRO — A sociedade continua a adoptar a firma ROQUETTE & ARNOSO, LIMITADA e tem a sua sede na Quinta da Balaia, no lugar de Branqueira, freguesia e concelho de Albufeira, durará por tempo indeterminado contando-se o seu início desde nove de Agosto de mil novecentos e setenta e um.

SEGUNDO — O seu objecto é o comércio e indústria de construção civil, empreitadas de obras públicas ou particulares, gabinetes técnicos de estudos de construção civil, compra, venda e revenda de prédios rústicos ou urbanos, execução de projectos e planeamento de obras, actividades turísticas, administração de propriedades, exploração hoteleira e para-hoteleira de restaurantes, bares e boites, ou qualquer outra actividade que os sócios resolvam explorar e não dependa de autorização especial.

TERCEIRO — A sociedade poderá associar-se a outras empresas nacionais ou estrangeiras ou cooperar com

elas para exercício do objecto social.

QUARTO — O capital social é de quatrocentos e cinquenta mil escudos, encontrando-se inteiramente realizado e representado pelos diversos bens e valores do activo, conforme escrituração e corresponde à soma das quotas dos sócios que são: uma de duzentos e vinte e cinco mil escudos, pertencente ao sócio Álvaro Luís de Roure Ferreira Roquette, uma de noventa mil escudos, pertencente à sócia Sofia de Melo Breyner Roquette, uma de noventa mil escudos, pertencente à sócia Leonor Maria de Melo Breyner Roquette e uma de quarenta e cinco mil escudos, pertencente à sócia Madalena Maria de Mello Breyner Roquette.

QUINTO — É livre a cessão de quotas entre os sócios, mas a favor de estranhos fica dependente de autorização dos sócios não cedentes, que terão sempre direito de preferência.

SEXTO — A gerência e a administração da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, ficam, com dispensa de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado, a cargo dos sócios e ou de estranhos à sociedade, como tal nomeados em assembleia geral através da totalidade do capital, podendo, no entanto, serem constituídos procuradores através de instrumento notarial outorgado sempre pela maioria do capital. A sociedade obriga-se com a assinatura de apenas um dos sócios gerentes ou de um gerente ou procurador no âmbito dos poderes que lhe forem conferidos.

SÉTIMO — A sociedade fica reservado o direito de proceder à amortização de qualquer das quotas, caso venha a ser objecto de penhora, arresto ou outra qualquer providência cautelar e, bem assim no caso de falência ou insolvência de qualquer dos sócios.

Parágrafo único — O preço de amortização será aquele que resultar do último balanço aprovado.

OITAVO — Ocorrendo o falecimento, interdição ou inabilitação de qualquer sócio, a sociedade continuará com os sobreviventes e os herdeiros e representantes do falecido, que entre si nomearão um que a todos represente junto da sociedade, dentro do prazo de trinta dias.

NONO — O balanço geral será apresentado à assem-

bleia geral durante o mês de Março seguinte ao termo de cada exercício.

DÉCIMO — A sociedade poderá dissolver-se por decisão dos sócios e a liquidação será feita como aos sócios convier e seja de direito.

DÉCIMO PRIMEIRO — Os lucros líquidos apurados em cada balanço destinam-se-ão:

a) Cinco por cento pelo menos, para formação de fundo de reserva legal, enquanto não estiver realizado e sempre que careça de realização;

b) Para formação ou reintegração de reservas especiais e quaisquer outros destinos aprovados por deliberação social, as quantias respectivamente fixadas.

c) O lucro remanescente terá a aplicação que for determinada em assembleia geral.

DÉCIMO SEGUNDO — Quando a lei não exigir outras formalidades, as reuniões das assembleias gerais são convocadas por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios com a antecedência de quinze dias, pelo menos.

Está conforme.

Lisboa, doze de Outubro de mil novecentos e setenta e nove.

O ajudante,
(assinatura ilegível)

VENDEM-SE

Cinco Apartamentos em Portimão. Mobilados - Rendimento elevado - arrendamentos/é p o c a s. Possibilidade aproveitamento financiamento existente. Trata o próprio, (motivos patriculares). Resposta a este jornal ao n.º 57.

VENDE-SE

Propriedade no sítio da Costa, com água e electricidade próxima. Óptima para construção de armazéns. Nesta redacção se informa.

PRECISA-SE

Pequena sala para escritório em Loulé.

Informa Telefone 63059 — LOULÉ.

(2-1)

CÃO PERDIDO

Perdeu-se uma cadelinha de cor amarelo claro, de pelo comprido, na região de Cabeça de Câmara (Loulé). Informa Telef. 62578 — Eleutério Pires Gomes — Monte Seco — Loulé.

O OUTONO E A INCERTEZA

O amarelecimento das coisas põe-nos de sobreaviso. O Outono é simplesmente uma estação degenerada, ora chove ora faz sol. O tempo coloca as suas reticências... o homem desafia as suas dúvidas e interrogações. Chegou a hora de enfiarmos as nossas ideias, dobrarmos as nossas esperanças, porque amanhã, o Inverno, poderá ser o mercado das nossas desgraças.

Voltei a encontrar um amigo dos velhos tempos de liceu. Agora de cabeça pensativamente tonta, os ombros encolhidos e com ar de doente. Em ligação ainda aquela amizade forte que exprime algumas certezas de que a vida nos parece digna. Mas o meu amigo já não dá conta do seu romance. A droga roubou-lhe a memória. E no nosso abraço há

um mar de lágrimas, o silêncio e a reflexão na sociedade que recusou o homem. Apetece-me apertar por entre as mãos uma pesada pedra e deixá-la escapar-se-me... De certo modo para vingar um jovem que morreu demasiado cedo!

Agora receio que o caminho nos transforme numa roda de engrenagem. Fiquei com um pesadelo ao deixar partir o meu amigo...

Mais um Outono que chega com gentes de todos os dias que não vêem as coisas com justeza. A juventude encharcada em febre, velha e sem fôlego. Na parede o cartaz da democratização, a epidemia política e um homem para com ares de idiota.

Entregues à máquina destruidora do tempo...

Luís A. M. Pereira

Um seguro oportuno assegura tranquilidade

Maria Valentina da Ponte Alves Guerreiro (Tita) informa o Ex.º Público que foi nomeada representante das Agências de Seguros Ourique e Previdente, função anteriormente desempenhada por seu falecido marido Deodato Tomé Guerreiro.

Escolha uma boa oportunidade de fazer um bom seguro.

Peça mais informações pelo telef. 62397 ou na Rua da Carreira, n.º 159 - 2.º Dt.º — LOULÉ.

OS AMANHÃS RISONHOS...

«Transformaremos terras incultas, faremos multiplicar o efectivo pecuário, iremos descobrir as riquezas naturais, impulsionaremos a indústria», etc., etc., etc., — prometeu Cunhal no Alto da Ajuda.

A receita é conhecida: todo o comunista convicto vende amanhã risonhos para esconder o presente de sacrifícios — e para que ninguém se lembre de perguntar porque é que o Alentejo nas mãos do PCP produz cada vez menos... e o país está cada vez mais pobre.

PEDIDOS DE LOCALIZAÇÃO URGENTES

Solicita-se aos abaixo indicados ou a quem souber do seu paradeiro, o favor de contactar urgentemente com o Serviço de «APELO» da Cruz Vermelha Portuguesa.

— Dr. João David Moreira — retornado de Huambo — Angola.
— José Augusto Rezistevés — retornado do Luso — Angola.
— António Coelho.

PARTIDAS E CHEGADAS

Em viagem de negócios, deslocaram-se à nossa província ultramarina de Macau (a única que nos deixaram) os nossos prezados amigos e dedicados assinantes srs. Avelino Ricardo dos Santos e José Francisco, sócios da firma J. Francisco & Santos, Lda.

— De visita a seus familiares e amigos, encontra-se a passar férias no Algarve, a sr.ª D. Maria José Cristina, casada com o nosso dedicado assinante na Suíça, sr. António Barros Farrajota Cristina.

DE HERANÇA EM HERANÇA

Para Vasco Gonçalves, a culpa era da pesada herança do fascismo. Para Soares, a culpa era da pesada herança do gonalvismo. Para Cunha, a culpa agora é da pesada herança de Mota Pinto. Que raio de herdeiros somos. Quanto mais herdamos, pior ficamos!

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LOULÉ

ANÚNCIO

(1.ª Publicação)

Pelo Juízo de Direito da comarca de Loulé, nos autos de acção especial de demarcação com o n.º 10/79, que correm termos pela 1.ª secção, em que são Autores Manuel da Palma Correia e mulher Bernarda Correia Guerreiro, residentes em Vale de Éguas, freguesia de Almancil, concelho de Loulé e Ré Maria Rosa Murta, viúva, residente no mesmo sítio, com incidente de intervenção principal deduzido a fls. 22, de MARIA CESALTINA MURTA FELICIANO, viúva, doméstica, CÉLIA MARIA DE SOUSA FELICIANO e JOSÉ FILIPE MURTA FELICIANO e mulher DINA MARIA CORREIA GUILHERME, trabalhadores, actualmente ausentes em parte incerta da Venezuela e todos com a última residência conhecida no já aludido sítio de Vale de Éguas, são estes intervenientes citados para, no prazo de 10 dias, que começa a correr depois de finda a dilação de 30 dias, contada da data da 2.ª e última publicação do presente anúncio, virem à acção na qual foi requerida pelos Autores a sua intervenção como partes principais, apresentar os seus articulados ou fazerem a declaração de que fazem seus os articulados da parte a que

devem associar-se, encontrando-se os respectivos duplicados, à disposição dos citados, na secção, consistindo o pedido dos Autores, em síntese, em a acção ser julgada procedente, por provada, e efectuada a demarcação entre o prédio dos Autores e o da Ré e intervenientes principais, nos termos propostos por aqueles e estes serem condenados a respeitar essa demarcação.

Loulé, 23 de Outubro de 1979.

O Juiz de Direito,
Mário Meira Torres Veiga

O Escrivão de Direito,
João do Carmo Semedo
A Voz de Loulé n.º 751 de 8-11-79

CONGRESSO DA VOLVO EM VILAMOURA

O Algarve continua a ser local escolhido para a realização de importantes reuniões internacionais.

Ora decorre no Dom Pedro Hotel, em Vilamoura, a Reunião Anual da Direcção da Divisão de Camiões da «VOLVO», em que participam 31 congressistas oriundos de 20 países.

A organização deste encontro dos responsáveis pelo Departamento de Camiões daquela importante construtora automobilística e de maquinaria foi confiada à Auto-Sueca, de Lisboa, em colaboração com a Volvo (Suécia).

FOLHETIM «AS MOURAS ENCANTADAS E OS ENCANTAMENTOS DO ALGARVE» Pelo Dr. Ataíde Oliveira

completamente esquecida e obliterada na memória do nosso povo.

AS MOURAS DE PADERNE

XIV

Paderne ou Paderna, freguesia do concelho de Albufeira, comarca de Loulé, gozava no tempo dos mouros de grande importância. Um escritor quase contemporâneo daquela época, historiador das façanhas de D. Paio, escreve:

«...e então foi o mestre (D. Paio Correia) cercar paderna que he um castello forte e mui bom de grão comarca em de redor entre Albufeira e a serra e estando sobre elle mandou gente ao termo de Silves que fossem tomar a torre de estombar que d'antes fôra sua».

Depois da conquista de Silves voltou D. Paio sobre Paderne e tomou o castelo depois de um combate fortíssimo.

Diz a este respeito o aludido cronista:

«...e tomada a cidade de Silves se tornou ho mestre a paderna, que antes tivera cercada e tomou a villa e o castello por força...».

Antes de D. Paio e no reinado de D. Sancho I era o castelo de Paderne de grande nomeada. Um dos cruzados que assistiu à tomada de Silves, no tempo deste monarca, mencionando os castelos que caíram em poder dos cristãos depois da conquista da cidade, escreve:

«...Estes são os castellos de que os christaos se apoderaram depois da tomada de Silves: Sagres, Lagos, Alvôr, Portimão, Monchique, Montagudo, Carvoeiro, Messines e Paderna».

Naturalmente com a nova tomada da cidade pelos mouros voltou o castelo de Paderne para o domínio destes, pois que no tempo de D. Afonso III o encontramos em poder dos mouros.

Nas lendas locais encontram-se vagas referências à tomada do castelo. Dizem assim:

Em um dia de manhã da mais poética primavera tomavam as belas mouras o seu banho na ribeira que corre no sopé do monte do castelo, quando umas crianças que brincavam próximo das margens vieram a correr dizendo:

— Veja minha mãe. Que bonito é...!

— O quê, filho?

— As mouras a correr para o castelo.

Saiu a mãe do banho, cobriu o corpo nu com o albornoz do marido e correu a verificar o facto.

Então teve a compreensão nítida da sua desgraça.

Os cristãos serviam-se de uma estratégia para se aproximar do castelo. Tinham arrancado à distância grande porção de mato e encobertos com este tentavam entrar no forte castelo.

Deu imediatamente a voz de alarme e logo todas as suas companheiras, como as ninfas da ilha dos amores cantadas por Camões, correram nuas a entrar pela boca do subterrâneo que da ribeira comunicava com o interior do castelo, em cujas salas se esconderam.

Semelhantermente os mouros que trabalhavam em seus campos recolheram ao castelo e foram reunir-se aos seus camaradas que pelejavam contra os cristãos.

Foi rude e mortífero o combate. Ao primeiro encontro caíram feridos de morte dois freires espatários, cuja morte foi bastante sentida pelo Mestre D. Paio.

Depois de algum tempo foram expulsos do castelo os serracenos, entrando os cristãos na sua posse.

Afirma a lenda que no subterrâneo do castelo ficaram encantados mouros e mouras, que ali defendem os seus tesouros até que a sua raça se resolva a vir desencantá-los.

Nunca saem dali a não ser à meia noite ou ao meio dia. Algumas pessoas dos arredores os têm visto àquelas horas.

Há mais de cem anos foi uma pobre mulher chamada Carlota ao castelo. Viu ela sentada sobre uma pedra uma criança de barrete encarnado. Era meio dia. A criança chamou a mulher pelo seu nome, mas Carlota, receosa de que lhe roubassem os santos óleos, em vez de se aproximar do mourinho, safou-se do lugar, de corrida. A criança ficou muito triste.

Em outra ocasião o mesmo mourinho saiu dos seus palácios subterrâneos e foi a casa de um moleiro, próximo do castelo. Ficou a mulher surpreendida. Nunca vira por aquele sítio criança tão linda e tão garridamente vestida.

— O que quer, meu menino? perguntou.

— Quero um bolo, respondeu a criança.

— Vou cozê-lo na lareira. Espere um pouco.

— Coza depressa porque é para o meu pai que está doente. Eu vou esperá-la lá em baixo junto da ribeira.

A mulher foi preparar o bolo.

A merecida homenagem ao professor Carlos Ramos

(continuação da pág. 1)
de ter como professor esse pedagogo exemplar e professor zeloso e amigo que se chamou Carlos Ramos, e que fez da sua profissão um verdadeiro sacerdócio e de carácter tão profundamente marcado que, 50 anos passados, ainda o seu método de ensino é recordado com saudade por aqueles que foram seus alunos e que sempre reconheceram em Carlos Ramos o professor competente, o mestre exemplar, o homem íntegro e insigne, respeitado e respeitador, o amigo dedicado, o pedagogo incansável e apaixonado pela profissão que exercia apaixonadamente.

Pois este homem, de conduta exemplar e de extrema dedicação ao ensino primário, nasceu em Loulé faz precisamente 80 anos e esse facto foi devidamente assinalado com uma tocante cerimónia que se deveu à iniciativa de um grupo de Louletanos que foram seus alunos há exactamente 50 anos e que quiseram aproveitar a efeméride para um agraçável encontro de saudáveis confraternização, que terá o seu quê de inédito ou pelo menos muito raro, pois não será fácil conseguir um número coeso de ex-discípulos que, tendo ficado marcados pela personalidade de um professor, se disponham a reencontrar-se 50 anos depois para recordar não apenas o seu mestre, mas também para matar saudades duma época já tão distante mas de tão gratas recordações como é geralmente a da instrução primária.

De salientar que este mesmo grupo de amigos se reencontrou pela 1.ª vez há 10 anos, por deles ter partido a louvável iniciativa de colocarem uma lápide assinalando a casa onde, 70 anos antes, nasceria aquele que foi seu professor eficiente e amigo dedicado.

Circunstâncias várias a que, no fundo, todos são ajeitos, fez esquecer esse entusiasmo inicial e só agora, passados 10 anos, se realizou um novo encontro, que, por feliz circunstância, assinalou o 50.º aniversário da posse do diploma da instrução primária.

Assim, tendo como principais promotores os srs. Arquitecto Manuel Laginha e Mário Conceição, foi possível reunir 28 ex-alunos do professor Carlos Ramos, apesar de o dia comemorativo ter coincido com uma 6.ª feira.

A prevista concentração junto da velha Escola Conde Ferreira (que fôra frequentada pelos presentes) foi transferida para o pátio da Câmara por causa da chuva, donde os participantes seguiram para o Largo de S. Francisco a fim de assistirem ao descerramento da lápide toponímica da nova rua de Loulé que passou a denominar-se de Professor Carlos Ramos e dá acesso à Escola Primária do Serradinho.

Aquela cerimónia simboliza não apenas uma homenagem de gratidão daqueles que tiveram a felicidade de ser alunos do professor Carlos Ramos, mas é também o reconhecimento oficial de quem em vida soube desempenhar a sua profissão com extraordinária dedicação e capacidade e permitiu exaltar o carácter exemplar de um cidadão que votou toda a sua vida ao ensino, testemunhando simultaneamente a gratidão e a saudade que lhe guardam os seus antigos alunos e amigos.

Disso são prova evidente as

palavras que lhe dedicou o seu ex-aluno sr. Arquitecto Manuel Maria Laginha e cujo alcance merecem ser meditadas. Por este motivo não quizesmos deixar de arquivar nas colunas do nosso jornal as seguintes passagens do seu brilhante e incisivo discurso, pois nunca é demais salientar quão importante é para o futuro de um homem, a qualidade do professor que ele teve a felicidade ou a infelicidade de encontrar na instrução primária e que muitas vezes tem uma influência decisiva na formação do seu carácter.

Que o digam os alunos do professor Carlos Ramos e de outros, cujos nomes nos são igualmente familiares e a quem aproveitamos para prestar, também, as nossas homenagens.

São, pois, do arquitecto Laginha as seguintes palavras:

«O acto solene a que acabamos de assistir extravasa a esfera das amizades, para se projectar no reconhecimento público das virtudes do professor e do homem, pela mão da entidade que representa a colectividade urbana e o Concelho de Loulé.

Embora a concessão de tal privilégio date de 1971, só agora foi possível obter a sua concretização condigna, merecedora de atenções e boas vontades que ficamos a dever à actual vereação e ao sr. Presidente do Município.

Mas, ao cabo de 50 anos — e dos desvios que tão largo período terá certamente proporcionado, porque guarda este grupo de louletanos sentimentos tão vivos de reconhecimento e de saudade e o desejo insistente de os converter em homenagem? No panorama geralmente dispersivo dos nossos dias, que força misteriosa mantém este grupo unido e determinado?

Bem, a resposta a estas questões tem pelo menos duas pontas. Uma, começa na importância que sinceramente atribuímos à instrução primária e seus mentores, na formação da sociedade. Porque, se o exercício desse mister não pressupõe o conhecimento aprofundado de matérias especializadas, exige, entretanto, um comportamento ajustado à gestação da personalidade infantil, o que implica maior melindre e risco perante vícios de raciocínio, quebra ou atrofiação da criatividade, enfim, de tudo o que envolve um espírito que começa a despontar. Mas, em nosso entender, a importância do professor primário assume particular acuidade e relevância nos casos em que o analfabetismo se mantém em proporções graves e preocupantes e em que, por isso mesmo, a educação doméstica sobre os jovens acaba na prática por ser apenas instintiva e não experimental.

É sabido que entre os povos mais evoluídos a aprendizagem é tão cuidada (e alongada) para o ensino primário, como para o secundário e superior, não sendo também sensivelmente diferentes, nem a projecção social dos respectivos graus de professor, nem as suas remunerações.

A outra ponta da resposta tem que ver em linha directa com a personalidade do nosso homenageado, nos seus vários ângulos: moral, social, artístico e humano,

e ainda com a determinação com que ele não obstante possuir espírito multifacetado para outras actividades, como a mecânica e a música, se votou à sua grande paixão que foi o ensino.

Como pedagogo, o professor Carlos Ramos, para além de tornar as lições num atractivo que nenhum aluno desejava perder, adoptando práticas de estímulo e incentivo, ao tempo inéditas, ou desusadas, preocupava-se também de modo revolucionário com a disciplina no grupo e na sociedade e com a formação moral e artística da classe.

Agia como um cientista da pedagogia, inovando e experimentando o processo que os próprios colegas reconheciam e admiravam.

De profunda e sólida cultura filosófica e humanística, não se limitou a transmitir o saber segundo os moldes aprendidos — rectificou e reinventou processos com um alcance que não voltámos a encontrar entre a centena de outros professores que alguns de nós viemos a conhecer pela vida fora. Daí que, no balanço da vida académica, em confronto com outros mestres, o professor Carlos Ramos sobressaia de todos eles na competência e na eficácia.

Para finalizar, diremos que é, pois, ao professor de competência ímpar e ao bom amigo que quisemos prestar esta segunda homenagem póstuma. Sobre a escolha desta antéria para ostentar o seu nome, devemos referir que a achamos muito oportuna e apropriada, pois abre para uma área nova onde virão a predominar sucessivas gerações de jovens estudantes.

Um desejo não podemos deixar de formular como voto, ao terminarmos esta evocação: Que a consagração de um dos filhos maiores desta terra repercuta e frutifique em exemplos, para além do limitado curso da nossa existência — processo infalível de engrandecer e valorizar o que é património de todos nós».

Na ocasião também usou da palavra, em nome dos professores o Director Escolar de Faro, sr. Manuel José da Silva Guerreiro que, num brilhante improviso, deixou transparecer o seu regozijo pelo significado duma homenagem que considerava merecedora de quem, em vida, tanto fez pelo ensino, congratulando-se pela escolha da rua onde a efeméride ficou assinalada.

Como Presidente da Câmara de Loulé, o sr. Andrade de Sousa, dirigiu-se a todos os presentes e chamou a atenção dos numerosos alunos da instrução primária para o alto significado daquela homenagem prestada a um professor, dizendo-lhes quanto aquele acto iria perdurar ao longo das suas vidas como recordação inapagável dos seus tempos de escola primária, pois ali se prestava justa consagração pública a alguém que é merecedor do nosso respeito e gratidão pelo que em vida fez pela juventude.

O sr. Andrade aproveitou a oportunidade para revelar que muito brevemente serão iniciados os trabalhos de construção dos edifícios para o Ciclo Preparatório de Loulé, os quais serão localizados naquela zona da Vila, pelo que aquela rua era de facto a mais indicada para a justa homenagem com que o Município entendeu distinguir o ilustre louletano.

Seguiu-se depois a romagem ao cemitério, onde foi guardado um minuto de silêncio em homenagem ao saudoso extinto e depositadas flores na sua campa.

Visivelmente comovidas por tantas provas de amizade para com o professor Carlos Ramos, estiveram presentes a viúva sr.ª D. Maria da Piedade Ramos, suas filhas sr.ª D. Maria da Glória Ramos Cabral e eng.ª sr.ª D. Maria Antonieta Ramos e seu irmão sr. Tenente-coronel Carlos Alexandre Ramos, nosso dedicado assinante e amigo.

A noite realizou-se um jantar de confraternização entre os par-

ticipantes desta romagem de saudade a qual serviu de pretexto para reviver gratas recordações dum passado já distante mas nunca esquecido.

...E como o futuro já não poderá se muito promissor porque todos se vão aproximando (ou já entraram) na 3.ª idade, foi opinião unânime de que não poderia haver um novo «intervalo» de 10 anos, dado que, nessa altura, o número de falecidos, talvez seja, infelizmente superior aos 12 agora registados...

Por isso ficou combinado promoverem-se reuniões anuais para... que todos se vão sempre encontrando.

Como convidados, participaram neste jantar de confraternização, o sr. Presidente da Câmara de Loulé; o sr. Pedro de Freitas, como grande amigo e companheiro nas lides musicais do professor Carlos Ramos especialmente nos velhos tempos da Tuna Louletana, e ainda o director deste jornal.

É curioso salientar que dos 82 alunos do curso de há 50 anos foi possível reunir 29 e que entre tanto há apenas (e felizmente) 12 falecidos.

Muitos dos que não puderam estar presentes por motivos pro-

fissionais ou de saúde (caso do sr. João Farrajota Alves) ou ainda por residirem longe, não esconderam a sua mágoa por não poderem compartilhar de uma tão significativa homenagem ao seu saudoso professor.

Por isso apenas se registaram as seguintes presenças:

D. Silvestre Ramos Ascensão, Centeio Martins, D. Maria da Piedade Estrela, D. Crisântemo Ramos, e os srs. Mário Barracha, Alvaro Sousa Gonçalves, Gabriel Madeira Guerreiro, João Campos dos Santos, João Gomes da Fonseca, José Calçada da Silva, Manuel Sousa Pedro, Manuel Vitorino Sousa, Rafael M. Barbosa, Epitácio Guerreiro Amado, Francisco Andrade Ferreira, Francisco Armando de Almeida Caracol, Joaquim Copas Rocheta, Joaquim Martins Carrilho, Joaquim Ramos Batista, José Gualdino Dias Eusebio, José Matilho Vaz Barros Vasques, Dr. José do Nascimento Costa, Manuel Farrajota Laginha, Manuel Guerreiro de Brito, Arquitecto Manuel Maria Cristóvão Laginha, Manuel Mendonça Rodrigues (Palmilha), Adrião João do Nascimento, Mário da Conceição, Manuel de Sousa Guerreiro e Reinado Rodrigues Guerreiro.

A HIPOCRISIA

(continuação da pág. 1)
revolucionário, o percursor do emancipalismo operário.

Ontem, Camões, devia ser banido das escolas; os Lusíadas a bíblia do colonialismo, a exaltação duma façanha de imperialistas usurpadores de outros povos. Hoje? Ora, hoje, com eleições à porta, os Lusíadas são a cartilha progressiva onde o nosso povo colherá ensinamentos para o seu amanhã; Camões deve ser lido e relido nas escolas à mistura com outros textos, por exemplo de Fidel Castro ou Maché.

Ontem a Religião era o ópio do povo, a Igreja Católica a reacção organizada, o caciquismo ludibriador, a abencerragem imobilista. Hoje? Ora, hoje, com eleições aí, a Igreja foi peça importante do nascer democrático, espiritualidade respeitável e sempre respeitadora da profandade política... E se alguns bispos falam que a doutrina da Igreja não está conforme a de Marx são apenas excepções conservantes...

Ontem, afirmava-se o comunismo como objectivo, a ditadura do proletariado como meio, mas hoje, para amenizar, para liberalizar a coisa, apenas se fala em democracia, nas «liberdades do nosso povo, nas conquistas de Abril, na reforma agrária, nas nacionalizações, no controle operário, na constituição, no deixar estar o sector público como está» — em resu-

mo (que o relambório é vasto) a continuação de tudo o que numa madrugada de Maio de 75 uma assembleia de homens fardados resolveu, entre gritos de vivas e de morras, como se a Pátria se tivesse transformado, num momento para o outro, em alguma colónia libertada.

Ontem, num ontem até recente, as reservas, na zona da dita reforma-desforra-agrária, era m entregues com gastos de saliva e de palmas e só, mas agora com um décimo-primeiro governo provisório que (já não há dúvidas) tem um apoio forte da esquerda comunista e não comunista, já se morre no Alentejo em entregas das ditas, assim, sem mais nem menos por causa de vacas ou vasculhos. E assim vão 2 homens, como carne para canhão, imolados nos altares da podridão humana. Se isto fosse no outro, no quarto, no do Mota Pinto, o que não diriam do homem! Já havia manifestações nas cinturas e nas bordas industriais e agrícolas por toda a parte controlável. Assim, tudo ficou pelo regionalismo e a primeira-ministra deve ter resolvido a questão em rápidas audiências.

Bom, mas Lenine lá tinha as suas razões quando dizia: «É preciso não nos comprometermos diante do povo, afirmando o que deveras queremos. Isso seria falta de tática».

Razão temos nós para afirmar: a isso chama-se hipocrisia.

QUARTEIRATUR

AGÊNCIA IMOBILIÁRIA E TURÍSTICA

ALUGUER, VENDA E ADMINISTRAÇÃO DE
APARTAMENTOS — MORÁDIAS — TERRENOS

Av. Infante de Sagres, 23

Telef. 65488

QUARTEIRA — ALGARVE

(26-16)

CENTRO COMERCIAL

DA MARINA DE VILAMOURA

A D M I T E

1.ª Escriturária para serviço no Gabinete da Direcção. As candidatas deverão ter prática de expediente geral de escritório e dactilografia, fluência em Inglês, meios próprios de deslocação de e para o local de trabalho e estarem livres para admissão imediata, após provas de selecção.

Resposta manuscrita com «curriculum vitae», de preferência acompanhado de fotografia e vencimento pretendido, ao Centro Comercial da Marina - Vilamoura.

Vamos todos votar

Queremos ser livres

Agora, que somos (ainda) livres é que temos de lutar persistente, tenazmente e sem desfalecimento para conservarmos a nossa independência, porque, se nos deixarmos cair nas garras aduncas do Comunismo Internacional nunca mais nos livramos dele.

Os exemplos estão claramente à vista.

Basta pensar nas situações de terror, fome, miséria, degradação social, fugas em massa e perseguições políticas que são prática corrente nos países dominados pelos comunistas, para se avaliar o que é e o que proporcionam aos mais desprotegidos.

E nem os portugueses já escaparam porque já sentiram na própria carne os horrores da guerra civil de Angola (que os cubanos e os soviéticos provocaram). Os que lá vegetam (ainda) vivos sofrem agora a fome, a miséria e o encarceramento porque são prisioneiros no seu próprio país.

É por isso que todos os Portugueses conscientes têm que votar.

S. A.

FALECEU JOSÉ DEBRUZIAS

Apagou-se há dias no Hospital de Loulé, uma das raras figuras típicas, ainda vivas no concelho de Loulé: José Agostinho de Sousa Debruzias, de seu nome completo.

Impossibilitado de andar e sofrendo de várias deficiências orgânicas, José Debruzias não saía de casa desde há anos.

Figura popular e dum extraordinário dinamismo sempre que estava em causa o seu querido Gilvrazino, esse homem rude, mas espiritualmente sadio, de coração aberto e corajoso; homem honesto e exemplar chefe de família; senhor duma vontade forte e empenhador; baísta como já não deve haver; grande lutador por todas as causas que elevassem o prestígio da sua terra, era vê-lo sempre pronto a colaborar em tudo o que dignificasse o Gilvrazino.

Preferido para ocupar «os mais altos cargos» possíveis num sítio onde ele sonhava ver promovido a freguesia para poder ser seu Presidente, José Debruzias era um homem que estava presente em todos os acontecimentos registados em Loulé e onde

até era conhecido por «Governador Civil do Gilvrazino», tal o prestígio que gozava na sua terra e para a qual trabalhou afanosamente.

O seu nome ficou ligado praticamente a tudo o que representasse progresso e bem estar para as populações.



Luz eléctrica, melhores estradas, mais amplos caminhos, abastecimento de água, escolas, melhoramentos na Igreja e na sociedade recreativa local, foram aspirações máximas de um homem que promovia festas, fazia reuniões, convidava amigos para sua casa e deslocava-se aonde quer que fosse necessário... desde que daí pudessem resultar benefícios para a sua região.

E até quando do sítio das Águas Frias (Alte) se reclamou a necessidade de telefone, foi o José Debruzias que a população recorreu e conseguiu... graças à sua dinâmica e persistente acção.

Nos bons velhos tempos em que cada freguesia idealizava e construía o seu próprio carro alegórico, para o Carnaval de Loulé, era sempre marcadamente notória a presença do sítio de Gilvrazino para que a sua existência fosse notada; para que os seus anseios de promoção a freguesia fossem considerados; para que a sua fiebre de progresso fosse satisfeita. E era sempre esse homem forte e bom, trabalhador e honesto, rude mas franco que todos conheciam por José Debruzias que estava à frente, que dinamizava ideias, que promovia festas que angariava dinheiro para realizar obras ou ajudar infelizes.

Nas Festas de Carnaval de Loulé era José Debruzias o grande entusiasta e à sua preciosa ajuda recorriam os seus organizadores. Pedro de Freitas precisou

um dia de 200 elementos para figurantes do cortejo carnavalesco e foi a José Debruzias que recorreu. E conseguiu.

Nas Festas da Mãe Soberana lá estava sempre presente e activo, acompanhando garbosamente os homens do andar, até porque os do Parragil eram sempre os homens mais dedicados a esse exaustivo esforço.

Ao seu espírito de iniciativa e amor à terra natal se ficou devendo o novo ânimo que desde há bastantes anos se imprimiu às Festas da Boa Hora e com cujas receitas foi possível executar no Parragil obras meritórias. Felizmente que essas mesmas festas encontraram agora em Eleutério Pires Gomes um dinâmico continuador duma tradição que se mantém com redobrado vigor. O seu espírito de iniciativa e a sua juventude têm galvanizado vontades e transpostos inúmeras dificuldades.

José Debruzias morreu, mas o seu nome ficou ligado, praticamente, a todas as obras e festas realizadas na região de Parragil nos últimos 50 anos.

O sr. José Agostinho Debruzias contava 73 anos de idade e deixou viúva a sr.ª D. Maria Correia Apolónia e era pai das sr.ªs D. Maria Nazaré Apolónia de Sousa Isidoro, casada com o sr. Manuel Lino Isidoro e D. Maria José Apolónia e avô dos meninos Lino Manuel de Sousa Isidoro e Nuno Tiago de Sousa do Carmo.

O sr. José Debruzias era pessoa muito conhecida e estimada em todas as redondezas de Loulé e por isso o seu funeral foi acompanhado por largas centenas de amigos que quiseram assim prestar derradeira homenagem ao companheiro dos momentos alegres vividos em sua confraternização.

Aliás, José Debruzias era um homem que caprichava em acompanhar ao cemitério os seus amigos e conhecidos.

A família enlutada apresenta «A Voz de Loulé» a expressão do seu sentido pesar.

Aviso aos recrutas

Avisam-se os recrutas que se encontram adiados do antecedente para efeitos de estudo, bem como os que, pela primeira vez, virão a beneficiar de tal adiamento, que compareçam junto dos seus distritos de recrutamento e mobilização até 15 de Novembro de 1979 impreterivelmente, a fim de declararem aberto ou não as matrículas no respectivo estabelecimento de ensino.

Exportação de Melão para Inglaterra

Dando continuidade a uma exportação que foi já tradicional, o nosso País acaba de enviar cerca de 300 toneladas de melão para o mercado inglês.

A operação efectuou-se com base na colaboração do Fundo de Fomento de Exportação e da Companhia das Lezírias com a firma britânica «Mack Distributors», sendo o melão exportado pertencente àquela empresa agrícola e a vários seareiros ribatejanos.

Admite-se que de futuro as quantidades de melão a exportar sejam muito maiores, dada a boa aceitação encontrada no mercado inglês.

Depois da exportação do morango, Portugal continua a procurar alargar a gama dos produtos agrícolas com possibilidades de venda, em fresco, para a área do Mercado Comum Europeu.

QUASE REBENTAVA UMA «BOMBA...»

la rebentando um grande escândalo no átrio do Hotel Cosmos, depois do desafio. Os 12 jornalistas que se deslocaram a Moscovo apenas puderam dispor de um único telefone instalado no corredor do 24.º andar. Depois de o nosso companheiro Fernando Passos ter dado o serviço para «O Norte Desportivo» entrámos nós na bicha, a anteceder o António Matos de «O Record» e o Fernando Mendes de «Jornal de Notícias».

Quando estávamos a meio da nossa transmissão a encarregada

da recepção entendeu que já estávamos há muito tempo e ameaçou que cortaria a ligação. Depois, em termos bruscos, ordenou que falássemos mais baixo. Esclarecemos todos que nos encontrávamos ali em missão de reportagem e que as chamadas feitas de Portugal, eram pagas pelos respectivos jornais.

Prosseguimos com a nossa gravação mas, subitamente, a «chefa», acolitada por outras colegas, disse mesmo que ia cortar a chamada. E principiou logo por se agarrar ao telefone, empurrando-o

para dentro do balcão. Aí as coisas alteraram-se: os jornalistas impacientaram-se, os acompanhantes do Boavista tomaram logo a defesa dos jornalistas portugueses, gerando-se um clima de efervescência. Pressentimos o que ia suceder e informámos a Redacção de que talvez não pudessemos continuar com a gravação porque meia dúzia de pessoas de um país civilizado e de um socialismo exemplar iam dar o exemplo que era ali, a democracia.

Não foi preciso dizer mais. A «chefa» requisitou, de imediato, a presença de dois soldados que registaram a nossa identificação tomando, também, nota, do número do quarto do hotel. Os colegas que ainda não tinham dado o serviço viram-se em palpos de aranha. O guia Walter da Silva foi o embaixador da mensagem para o restabelecimento da harmonia. Só muito tarde foi fumado o «cachimbo da paz». Mas viveram-se, lá isso é verdade, momentos atribulados. Lamentável...

(Do enviado especial a Moscovo de «O Primeiro de Janeiro»)

DINAMIZAÇÃO DAS CASAS DO POVO

Na linha de aperfeiçoamento dos trabalhadores das Casas do Povo, que estão em contacto directo com o público em geral, nomeadamente a população dos meios rurais, promovido pela Junta Central das Casas do Povo, realizou-se nos passados dias 16, 17 e 18, na Casa do Povo da Conceição de Faro, um «Curso de Relações com o Público», para trabalhadores dos quadros administrativos das Casas do Povo do Distrito, ministrado por monitores especialmente preparados para o efeito.

Estiveram presentes neste 1.º curso funcionários de 15 Casas do Povo, tendo sido focados e

tratados temas ligados à problemática das relações e atendimento com e ao público.

Prevê-se a continuação da realização destes cursos que se estenderão a todos os trabalhadores do Distrito.

Museu Nacional da Rádio

Continua em preparação o Museu Nacional da Rádio.

A futura exposição permanente da arte da comunicação e da ciência da rádio, conta já com elementos suficientes de conservação e estudo para os seus futuros visitantes.

O Museu continua, contudo, a aceitar as ofertas representativas de Rádio, Música, Som e Televisão que o ouvinte já não utilize e que possam enriquecer o seu conteúdo cultural.

Todos os contactos devem ser dirigidos à Radiodifusão Portuguesa — Museu Nacional da Rádio, cujos serviços estão a funcionar na Rua Sampaio e Pina, 26, 1000 Lisboa Codex.

Congresso da FIVA (Federação Internacional dos Automóveis Antigos) reuniu no Algarve

Sessenta congressistas dos mais variados países, desde a Finlândia à Austrália, reuniram durante 4 dias, no Dom Pedro Hotel, em Vilamoura (Algarve) participando no Congresso Anual da Federação Internacional dos Automóveis Antigos (FIVA).

AS MOURAS ENCANTADAS E OS ENCANTAMENTOS DO ALGARVE

Por motivos de ordem técnica, a que não foi alheia (também) a falta de espaço, não temos publicado o habitual folhetim «As Mouras Encantadas do Algarve».

É uma contrariedade de que pedimos desculpa aos nossos dedicados leitores, a qual teve no entanto o condão de nos alertar do interesse que o folhetim continua despertando.

Da Venezuela, dos E.U.A., da Austrália, da França, de Lisboa e em especial de Loulé, têm chegado até nós o eco de algumas interrogações: «porque não tem saído o folhetim?».

E as palavras que se seguem dão-nos uma nítida ideia da boa aceitação que está tendo o folhetim.

E como reflexo dessas apreciações vai crescendo o número de pessoas interessadas em adquirir o livro que estamos preparando e para aquisição do qual continua aberta a inscrição.

Vamos fazer todos os possíveis para evitar o que aconteceu agora.

A organização deste congresso esteve confiada ao Clube Português dos Automóveis Antigos, que é uma das 250 associações que em todo o mundo se dedicam ao colecionismo das preciosidades automobilísticas em termos de antiguidade.

Conhecendo-se o interesse que esta matéria está suscitando em todo o Mundo traduzido pelo contínuo aparecer de museus especializados entende-se bem também do interesse em torno do Congresso da FIVA, que contou com o apoio da Direcção Geral do Turismo, Comissão Regional de Turismo do Algarve e Lusotur.

Sabemos que um dos temas que prendeu a atenção dos congressistas foi a realização no Algarve de um «Rally Internacional de Automóveis Antigos», iniciativa a que a FIVA, com sede em Zurique, dá o seu melhor apoio e que estamos certos virá a constituir um duplo êxito: como elemento promocional do Algarve e como desafio de preciosidades automobilísticas, valorizando assim o seu já vasto programa de animação.

MISSÃO DE COOPERAÇÃO NA REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU

O Gabinete Coordenador para a Cooperação do Ministério dos Negócios Estrangeiros informa que está abertas inscrições para uma Missão de Cooperação na República da Guiné-Bissau, ao abrigo do Acordo de Cooperação Científica e Técnica, celebrado entre Portugal e aquele País.

Requerem-se professores para leccionar as seguintes disciplinas: Português, Francês, Matemática, e Inglês.

Para esclarecimento de condições e inscrições, deverão os candidatos dirigir-se urgentemente à Avenida da Liberdade, 192-3.º — Lisboa, telefone 562031.